

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

DARIANE MARTIÓL DE SOUZA

AUTORRETRATO INFAMILIAR
ENSAIOS ERÓTICOS E DOMÉSTICOS



Coronel Vivida – PR

Junho/2023

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática
da Biblioteca Universitária Udesc,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Souza, Dariane Martiól de
AUTORRETRATO INFAMILIAR : ENSAIOS ERÓTICOS E
DOMÉSTICOS / Dariane Martiól de Souza. -- 2023.
83 p.

Orientadora: Debora Pazetto Ferreira
Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa
Catarina, Centro de Artes, Design e Moda, Programa de
Pós-Graduação em Artes Visuais, Florianópolis, 2023.

1. Processos Artísticos. 2. Erotismo. 3. Fotoperformance. I.
Pazetto Ferreira, Debora. II. Universidade do Estado de Santa
Catarina, Centro de Artes, Design e Moda, Programa de
Pós-Graduação em Artes Visuais. III. Título.

DARIANE MARTIÓL DE SOUZA

AUTORRETRATO INFAMILIAR
ENSAIOS ERÓTICOS E DOMÉSTICOS

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Orientadora: Profa. Dra. Debora Pazetto Ferreira.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Debora Pazetto Ferreira
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Membros:

Profa. Dra. Silvana Barbosa Macêdo
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Profa. Dra. Sarah Marques Duarte
Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR

Florianópolis, 07 de julho de 2023

Resumo

Nesta dissertação apresento uma narrativa literária abordando o processo de construção do projeto *Autorretrato Infamiliar*, enquanto situo a prática artística em minha própria vida e elaboro algumas relações entre autoconhecimento e erotismo. *Autorretrato Infamiliar* é um projeto que desenvolvo com minha mãe, Adair Martíol, que tem 71 anos e morava sozinha no interior do Paraná até o meu retorno para a casa dela em 2020. Desde então, trabalhamos nesse projeto que fala sobre e a partir do espaço doméstico. As fotografias acontecem na cozinha, no quarto, nos fundos da casa. Discutimos temas como família, corpos, domesticidade e domesticação. Apontamos para a subversão desse espaço familiar, não abandonamos nem renegamos o espaço doméstico, o transformamos em uma trincheira. Através de uma parceria artística, minha mãe e eu fazemos fotos das nossas amputações e poemas sobre as nossas dores. Não há passividade. Somos selvagens. Os ensaios fotográficos do projeto *Autorretrato Infamiliar*, são eróticos e são domésticos. Erotizamos o doméstico.

Palavras-chave: Processo artístico; fotoperformance; erotismo

Abstract

In this dissertation I present a literary narrative approaching the construction process of the *Non-familiar Self Portrait* project, while situating the artistic practice in my own life and elaborate some relations between self-knowledge and eroticism. *Non-familiar Self Portrait* is a project that I develop with my mother, Adair Martiól, who is 71 years old and had been living alone in the countryside of Paraná until I returned to her home in 2020. Since then, we have been working on this project which discusses about and from space domestic. The photographs are taken in the kitchen, in the bedroom, at the back of the house. We discussed topics such as family, bodies, domesticity and domestication. We point to the subversion of this familiar space, we neither abandon nor reject the domestic realm, we transform it into a trench. Through an artistic partnership, my mother and I make photos of our amputations and poems about our pain. There's no passivity. We are wild. The photo essays from the *Non-familiar Self Portrait* project are erotic and domestic. We eroticize the domestic.

Keywords: Artistic process; fotoperformance; eroticism

26/12/2022 – Segunda-feira

De acordo com as instruções de um curso de escrita, como seria o relato do meu dia?

Hoje apliquei a terceira e última dose do *Zoladex*, uma injeção que bloqueia as atividades dos ovários e, conseqüentemente, reduzirá o tamanho do mioma que está no meu útero, diminuindo também os riscos de hemorragia durante a miomectomia marcada para o dia 26 de fevereiro.

Por ser um mioma muito grande (maior que um punho fechado) será necessária uma cirurgia aberta, com o corte igual ao de uma cesariana. Estou curiosa para saber se a cicatriz será horizontal, ou vertical, semelhante à que minha mãe carrega na barriga desde que nasci.

São dez horas da manhã e estou jejuando, não sei se é por penitência, por compensação pela comilança natalina de ontem ou se é influência de algum guru da Ayurveda que sigo no Instagram. Além do jejum, também faço um quadrado de crochê e ouço um curso de introdução à escrita autobiográfica. A partir de um exercício proposto no curso responderei seguinte questão:

*Como seria um relato sobre o meu processo artístico no projeto **Autorretrato Infamiliar?***

Em março de 2020 a COVID-19 foi oficialmente classificada pela Organização Mundial de Saúde como uma pandemia. Com o início do isolamento social precisei retornar à cidade onde nasci. Após anos morando em Curitiba, deixei a capital do Paraná para voltar à casa da minha mãe, que morava sozinha. Conviver com dona Adair Martiól de Souza nunca foi fácil. Mãe solo, estudou até a terceira série do primário, cresceu na roça e aos 22 anos veio para a cidade trabalhar como empregada doméstica. Também cortava grama e carpia lotes, fazia o que podia para sustentar a si mesma e a (tão sonhada) filha.

Nasci em 1988, minha mãe estava com 36 anos, na época era uma idade considerada avançada para uma primeira gestação. Quando jovem, um médico havia lido que devido aos inúmeros miomas que ela carregava, não conseguiria engravidar. Cresci ouvindo a minha mãe dizer que para ela a vida não teria sentido se não pudesse formar uma família, que o seu maior sonho sempre foi ter uma menina, uma filha para lhe fazer companhia na velhice. (Série 01. Sonho de menina)

Ela chegou a adotar uma criança. Se chamava Adriane (um acrônimo de Dariane), era cega, tinha problemas pulmonares e morreu durante uma cirurgia cardíaca. Depois, cuidou de outras duas meninas, cujas mães as visitavam de mês em mês. Primeiro foi a Talita e em seguida a Iara, essa com quem convivi até cerca dos meus sete anos.

Sinto que a nossa relação mãe e filha é profundamente afetada pela nossa diferença de idade. Além disso, acho que vivenciar o auge da transição das eras analógica para a digital também teve um peso significativo. Eu era jovem e me adaptei facilmente às mudanças, ao contrário dela, que teve dificuldades para assimilar as novas tecnologias. Contudo, em termos de costumes Ada sempre carregou um “Q” de moderna.

Entre os seus 13 irmãos, Adair foi a única mãe solteira. Não se casou e manteve uma relação aberta com meu pai, dez anos mais novo que ela. Uma pessoa a quem, por não ser heterossexual, a cidade inteira se referia jocosamente como “O Lurdinha”).

Sempre convivi com meu pai, mas ele não queria uma filha mulher e por isso não me assumiu legalmente. Às vezes penso que seria mais fácil se ele tivesse me abandonado, ao menos seria um golpe definitivo. A convivência tornava a rejeição algo constantemente reafirmado (e não sei como pude, mas eu o amava. Eu o amava tanto a ponto de me unir a ele contra mim). Com frequência, na presença de amigos e estranhos, ele me pedia para chamá-lo de tio. Minha mãe nunca o contestou, pois ela tinha plena consciência de que a filha era um desejo dela.

Então, em 2020 voltei a morar na cidade onde até hoje sou questionada por ser a “filha do Lurdinha” (eu, criança, precisava lidar com a indignação e zombaria dos perversos diante do fato de um viado ter uma filha).

— *Você não é a filha do Lurdinha? Mas como? Ele não era viado?!*

Nunca sofri de timidez, mas em Coronel Vivida eu me envergonhava por ser aquilo que eu era. Tinha vergonha da minha mãe velha (ela era muito mais velha do que as mães das minhas colegas). Tinha vergonha de ser pobre, de precisar andar suja pelas ruas carregando enxadas. Vergonha de viver de restos, de sobras de comida, de roupas descartadas. Sentia uma vergonha profunda em relação ao modo como alguns homens me tratavam, como se o fato de eu ser filha daquele pai e daquela mãe tornasse o meu corpo uma coisa pública.

Além da atmosfera mundial repleta de incertezas e tristezas decorrentes da COVID-19, estar novamente em Coronel despertava alguns velhos fantasmas. Ali o isolamento era mais do que desejado.

Porém, tinha algo completamente diferente nessa re-volta. Em 2018, justo no dia internacional da Mulher, o meu pai morreu. De maneira simbólica, consegui enterrar com ele muitas coisas que me afetavam radicalmente, o que permitiu que minha mãe e eu reconstruíssemos nossa relação sem a sombra esmagadora do Ari.

...

Em meados de julho de 2020, comprei uma câmera fotográfica. Eu cursava o último ano do meu bacharelado em Pintura e precisava de uma fotografia como referência para um quadro que faria parte do Trabalho de Conclusão de Curso. A cena era de um matricídio e estava ligada à ideia que eu vinha pesquisando sobre o erotismo enquanto pulsão de vida.

Para mim, o matricídio era uma metáfora de emancipação diante das expectativas sociais e familiares. São inúmeras as possibilidades de relacionamento entre mãe e filha, infelizmente, algumas delas são marcadas por conflitos onde sentimentos de amor e ódio se entrelaçam e se confundem. Nesses modelos movidos por disputas e cobranças, às vezes é necessário “matar a mãe”, no sentido de romper com o vínculo destrutivo criado por idealizações.

A primeira vez que desenhei um matricídio foi durante a minha graduação em filosofia (2007–2012), em 2018 reencontrei esse desenho e o reproduzi em pintura, mas não gostei do resultado. Para o TCC, uma foto como base resolveria os problemas de proporção anatômica.

Conversei com minha mãe e pedi que posasse comigo. Embora ela não tenha se intimidado pela ideia do matricídio, receou-se um tanto pela nudez. Como eu disse que a foto seria apenas uma referência para a pintura e que nós sequer seríamos reconhecidas, ela aceitou. Então registramos a cena:

Uma banquetta verde de madeira coberta parcialmente por um tecido vermelho. Nela, uma mulher idosa usando apenas uma calcinha azulada está sentada de perfil, com o olhar cabisbaixo e os braços cruzados sobre os seios, seus cabelos esbranquiçados estão presos em um coque. Em pé, nua em sua frente, uma mulher mais jovem apoia a mão esquerda no ombro direito da velha, enquanto a beija suavemente na testa e crava um punhal em sua nuca.

Durante a minha banca de qualificação, Silvana Macedo falou algo de um modo que eu ainda não tinha escutado:

— **Autorretrato Infamiliar começa com um matricídio.**

Refletindo sobre isso, cheguei à conclusão de que eu não teria o relacionamento que tenho hoje com a minha mãe se de alguma forma eu não a tivesse matado. Sim, Autorretrato Infamiliar começa com a morte da mãe.

A morte da velha mãe. A morte da mãe velha. A morte da mãe pobre. A morte da pobre mãe. A morte do velho ideal de mãe. Se na psicanálise fala-se tanto na “morte do pai”, acredito que muitas vezes “matar a mãe” seja fundamental para ressignificar a relação com a maternidade. (Série 02. Máscara de Mãe)

Naquele dia em que na frente da câmera performamos um matricídio, percebi que poderíamos criar algo juntas, que guiadas pelo afeto, pela cumplicidade e pela arte poderíamos recriar nossos laços. Diferente da Dariane adolescente, não senti vergonha daquele corpo velho, pelo contrário, senti orgulho. Tão ousada! Tão corajosa! O corpo da minha mãe transbordava vida e eu me deixava encharcar.

Lá, nos fundos da casa, fazíamos travessuras e aquele era o nosso segredo. Nós que não ficávamos peladas na frente uma da outra, de repente experimentávamos o toque dos nossos corpos nus.

Encontrava-me novamente naquele colo. Me encaixava naquele corpo torto, corpo endurecido por não poder relaxar. Corpo que me carregou nos braços até que eu fosse capaz de caminhar com as minhas próprias pernas. Eu me esfregava naquela pele áspera, marcada pelo excesso de sol, via de perto suas varizes saltadas. A minha frieza se desfazia igual gelo exposto ao calor. Eu estava fascinada por aquela mulher!

Católica, zeladora da capelinha no bairro onde mora, aos quase 70 anos, Ada tirou a roupa e confiou sua imagem a mim. Qual era o significado daquilo? Por que o fazia? Será que também sentiu aquela força? Era confiança ou era medo? Tomada pela emoção, eu não conseguia ver com clareza, mas percebia que ali nascia algo muito intenso e que não deveria se perder.

A fotografia que eu precisava, do matricídio, já estava feita, mas eu queria mais, queria esticar aquele instante e ter dele tudo quanto fosse possível. Na verdade, acho que eu queria mais colo, queria ficar de chamego com aquela mulher que eu acabara de descobrir. Como não tínhamos intimidade para tanto, igual a uma criança apegada ao seu objeto transicional, me agarrei à câmera, talvez não a câmera em si, mas àquilo que acontecia entre o posicionamento da máquina e a imagem capturada.

Ainda que “matar a mãe” precise ser uma tarefa quase que diária, além daquela registrada, não me interessavam outras versões do matricídio. Então o que fotografar?

Fotografá-la sozinha me parecia injusto, seria explorar a vulnerabilidade daquele corpo. A solução que encontrei foi me colocar ao lado dela.

Lembrei da pintura *Duas Fridas* de 1939, onde Frida Kahlo representa duas versões de si mesma lado a lado sentadas em um banco verde. À esquerda da tela, encontra-se Frida usando um vestido branco de estilo vitoriano, com gola alta e mangas bufantes, enquanto à direita, a outra Frida usa um traje *tehuana* típico do México, que faz referência à sua linhagem materna de Oaxaca. Elas estão de mãos dadas e olham para o espectador. Seus corações estão expostos e conectados por uma artéria, que mais abaixo é cortada com uma tesoura cirúrgica segurada pela Frida à esquerda (Figura 01).



Figura 01 – *As duas Fridas*. Frida Kahlo. Pintura. 1939. Fonte: Museu de Arte Moderna do México. Disponível em: <https://mam.inba.gob.mx/coleccion.html#image4>

Essa é uma obra extremamente rica em detalhes e simbolismos, citei apenas alguns elementos formais que permitem um paralelo com a fotografia que tirei com a minha mãe, a qual considero a primeira fotografia do projeto Autorretrato Infamiliar (Figura 02).



Figura 02 – *Centauras*. Dariane Martiól. Fotografia. 2020. Fonte: Acervo da artista.

Diferente das duas Fridas na pintura, os nossos corpos estão bem próximos, eles quase se comprimem. Juntamos as nossas quatro mãos, encaramos a câmera e, portanto, olhamos diretamente a quem nos olha.

Para amenizar a palidez das minhas pernas, uso uma meia calça que, por acaso, traça uma linha na minha barriga, imitando a cicatriz da cesariana que a minha mãe tem. Outro acaso (muito bem vindo) foi o reflexo na porta, que cortou e isolou a cabeça da minha mãe no lado direito da imagem, acrescentando complexidade à composição.

Quanto ao título do projeto, inicialmente pensei em “autorretrato” porque eu era a articuladora de toda a cena e considerava relevante deixar claro que não havia a presença de uma terceira pessoa no clique, era um processo envolvendo apenas mãe e filha. Eu também compreendia que a personagem interpretada pela minha mãe, em certo sentido, correspondia a um espelho meu.

Hoje tenho outras perspectivas em relação a tal escolha. É como se houvesse uma incorporação entre mãe e filha, uma relação conturbada na qual ambas se perdem em seus respectivos papéis, em seus sonhos e até mesmo em seus corpos. Nessa antropofagia familiar, talvez chamar de autorretrato seja um reflexo inconsciente da forma como absorvo essa relação, nos vendo enquanto desdobramento uma da outra. (Série 03. *Vislumbre do Porvir*)

As letras que formam o nome Adair estão contidas no meu próprio nome, assim como as letras dos nomes Adriane, Iara e Ari. De igual maneira, Dariane é escrito com as mesmas letras do nome Ariadne.

Ariadne, a habilidosa tecelã que entregou um novelo de linha a Teseu, permitindo que ele encontrasse o caminho de volta para fora do labirinto, depois de matar o temido Minotauro. Aquela que em algumas versões do mito, ao ser rejeitada por Teseu, tornou-se amante de Dionísio, o deus da transgressão. E que em outras versões, ao ser abandonada sozinha na ilha de Naxos e sem esperanças de ser resgatada, enforcou-se em uma árvore.

...

Passado aquele primeiro dia que fotografei com a minha mãe, comecei a pesquisar outros possíveis temas para as nossas fotografias. Lembrei do filme *Medeia*, dirigido por Lars Von Trier em 1988. É uma adaptação da tragédia grega de Eurípedes, conta a história de Medeia, que ao ser abandonada pelo marido Jasão, planeja uma vingança contra ele. No filme o diretor utiliza planos longos e sequências sem cortes, criando uma atmosfera de tensão e suspense que parece transportar o espectador para o tempo real da tragédia.

A narrativa é terrivelmente fascinante e repleta de ambiguidades. Medeia é retratada como uma mãe amorosa que se preocupa profundamente com as crianças, a ponto de carregá-las em seus braços por um longo caminho através de um bosque. No entanto, ela comete um ato impensável. O árduo trajeto acaba quando eles chegam em uma clareira onde há uma árvore com duas cordas penduradas, em uma, o filho maior ajuda a enlaçar o pescoço do irmão, na outra, ele mesmo se enlaça. Medeia ajusta as cordas e estrangula seus dois filhos.

Essa é uma das cenas mais impactantes que já assisti. Ela sempre me emociona e me faz pensar na complexidade da maternidade e nas escolhas que ser ou não ser mãe implicam. As histórias de Ariadne e Medeia me fazem pensar também sobre o abandono e me apontam a morte como uma possível resposta diante da intensa dor da rejeição. A ideia de matar a si, ao outro ou algo em si (dar fim a uma situação) enfatiza a importância de matar e de morrer para poder renascer.

Diante disso, encontrei o tema que estava procurando e se eu não estava mais disposta a matar a minha mãe, então que ela me matasse. Primeiro fizemos fotos em que ela me enforcava e, a partir daí, comecei a explorar outras formas de filicídio.

Em março de 2021 me candidatei a uma residência online destinada a mulheres fotógrafas. No meu portfólio coloquei as poucas fotografias que tinha com minha mãe e propus desenvolver essa série, que chamei de *Autorretrato Infamiliar*.

Comentei anteriormente sobre a escolha pela palavra “autorretrato”, que não apenas indica o gênero do trabalho, mas também remete aos aspectos psicológicos da relação entre mãe e filha, tema dos ensaios.

Quanto ao termo “infamiliar”, ele me permite estabelecer um jogo com a expressão “em família”, reforçando a ambiguidade presente no trabalho. As fotografias são retratos e autorretratos, são retratos em família e são autorretratos infamiliars, não correspondem ao autorretrato nem à família convencional. Enquanto “em família” sugere uma sensação de familiaridade e pertencimento, “infamiliar” introduz uma perspectiva diferente, destacando elementos que podem ser estranhos, desconhecidos ou desafiadores dentro das relações familiares.

Me interessa explorar a representação da família porque cresci achando que eu não tinha uma. Somente após atingir certa maturidade pude perceber que minha mãe, meu pai e eu formávamos sim uma família, ou poderíamos ter formado, se não fossem os preconceitos hipócritas e conservadores da sociedade, essa que rejeita tudo o que não se encaixa em seus padrões.

Aliás, o modelo tradicional de família que pressupõe um pai provedor, uma mãe dona de casa e seus filhos, é extremamente problemático. Essa estrutura coloca uma carga excessiva sobre as mulheres, que são frequentemente sobrecarregadas com o cuidado e o trabalho doméstico, enquanto se espera que os homens trabalhem fora e sustentem financeiramente a casa (KUHNNEN, 2021). Em decorrência disso, a falta de igualdade em termos de trabalho não remunerado contribui para a persistência da disparidade salarial entre homens e mulheres, perpetuando as desigualdades de gênero (FEDERICI, 2017).

No projeto *Autorretrato Infamiliar*, apresento uma família composta por duas mulheres e a maneira atípica como mãe e filha são representadas, aponta para questões amplas sobre a cultura e a psique humana. Nesse aspecto, recorro ao sentido psicanalítico do termo *Infamiliar*. Na psicanálise, *Das Unheimlich* (O infamiliar/estranho/inquietante) é um conceito que se refere a algo que é familiar, mas se apresenta de uma maneira atípica, causando estranhamento.

De acordo com Sigmund Freud (1976), o infamiliar é um sentimento que pode ser causado por diferentes estímulos, incluindo sonhos, literatura, arte e até mesmo a vida cotidiana. Surge quando objetos, situações ou experiências que nos são familiares

adquirem um significado novo ou desconhecido, desencadeando respostas psicológicas e emocionais.

Jacques Lacan (1991) também abordou o conceito do infamiliar na arte e na literatura. Para ele, o Infamiliar é uma manifestação do inconsciente, caracterizado por uma sensação de mal-estar ou desconforto quando algo familiar é encontrado em um contexto desconhecido, desafiando nossas suposições sobre o que é familiar e esperado.

Segundo Lacan, a sensação de estranhamento provocada por uma obra de arte está relacionada à sua capacidade de perturbar as formas habituais de percepção e compreensão. O *Infamiliar* visa desafiar as suposições e preconceitos do espectador ou leitor, incentivando uma mudança de perspectiva que pode facilitar o pensamento crítico e o alcance de uma nova compreensão de mundo.

...

Foi na residência para mulheres fotógrafas que tive meu primeiro contato com a fotografia enquanto linguagem artística. Lá, pude conhecer outras artistas, ver seus portfólios, apresentar o meu projeto em desenvolvimento e aprender questões técnicas. Compartilhar o meu processo criativo e receber orientação de outras mulheres foi crucial para me sentir segura e caminhar naquele terreno até então desconhecido. Eu estava muito animada e todos os dias acordava com uma nova ideia de como eu poderia morrer pelas mãos da minha mãe. (Série 04. Autorretrato Infamiliar: Ensaio II)

Série 01 – Sonho de Menina





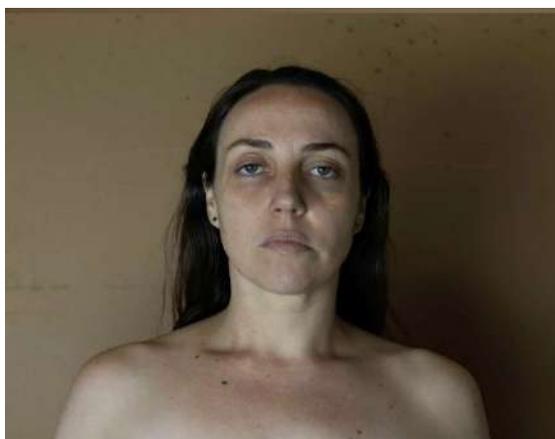
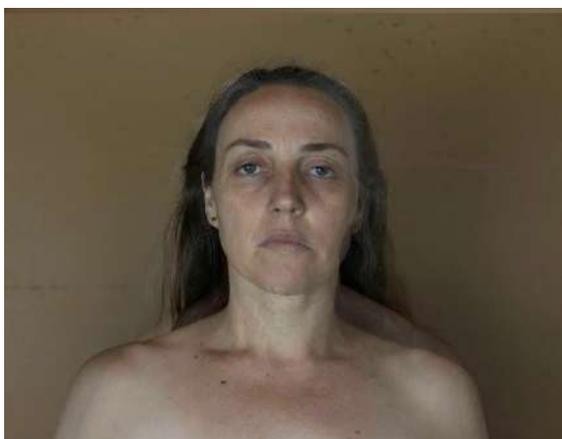
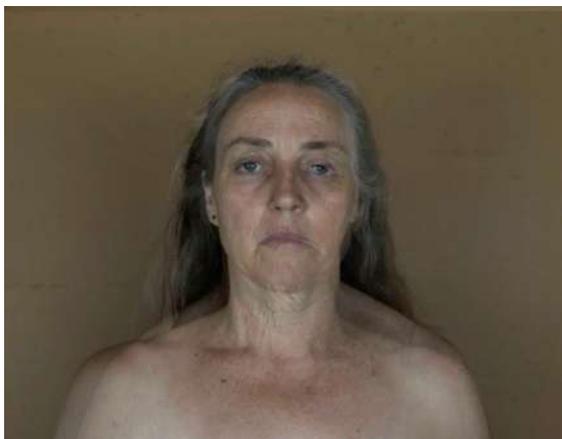


Série 02 – Máscara de Mãe





Série 03 – Vislumbre do Porvir



Série 04 – Autorretrato Infamiliar: Ensaio II









28/12/2022 – Quarta-feira

Não quero ser dinamite, quero ser explosão

Sentei para fazer crochê e de repente, uma mancha quente e úmida despencou sobre o meu braço.

— Quem fez cocô em mim?

Não poderia ser um pássaro, já que eu estava em uma área fechada. Mais importante do que me limpar, era saber de onde vinha aquela merda.

Até que a encontrei. Quase camuflada na viga do teto, estava uma lagartixa doméstica. Acabei sorrindo, sou apaixonada por esses répteis. As lagartixas são detentoras de uma simpatia peculiar e me ensinam a respeitar os limites dos corpos. Aqui na casa da minha mãe tem muitas, mas desafortada desse jeito foi a primeira vez que vi.

É muito curioso que uma lagartixa de aproximadamente 6 cm tenha cagado justamente no meu braço, considerando que eu estava ocupando um espaço de mais ou menos 1 m² em uma área de 9 m². Mas não estou reclamando, antes no braço do que nos cabelos, nos olhos ou ainda no crochê de linha branca. É que esse tipo de evento me surpreende e me leva a refletir sobre como as coisas acontecem e por qual lógica são regidas.

Costumo separar as coincidências em duas categorias, uma é da ordem da providência, talvez seja próximo ao que Jung (2014) chamava de sincronicidade, que pode ser entendida como um exemplo da maneira como a psique e o mundo físico estão interconectados, a outra é da ordem do absurdo.

Certa vez, ao atravessar o Passeio Público em Curitiba, a caminho de um ritual de meditação percebi que eu estava muito atrasada. Como não conseguiria chegar a tempo, decidi suspender a caminhada e aproveitar para conhecer o terrário que havia ali. Por um surpreendente acaso, entre os répteis expostos, me deparei com uma jiboia de aproximadamente três metros que estava trocando de pele.

Absorta, como que encantada pela serpente, acompanhei pacientemente todo o desenrolar daquele processo metamórfico. Logo depois, conversei com a pessoa responsável pela manutenção do local e ganhei os três metros de escama.

A conjunção desses eventos foi uma grande coincidência. Se eu não estivesse atrasada, ou se tivesse percebido o meu atraso em algum outro lugar que não no Passeio Público, aquele encantador encontro não teria acontecido. Dessa situação não me parece

difícil tirar uma “moral da história” ou pensar em alguma mensagem subjacente, já que a cobra é um animal repleto de simbolismos e a troca de pele pode corresponder a uma busca pessoal por transformação. Analisando pelo viés da providência, talvez eu estivesse experimentando outra forma de diálogo com o mundo, a partir de um equilíbrio entre o universo e a energia do meu desejo.

Agora compartilharei um episódio que beira o absurdo. Uma coincidência que até hoje me intriga e caso tenha alguma mensagem, é certamente muito hermética para mim.

Em 2012, ano que concluí a minha graduação em filosofia, a vida, implacável em suas artimanhas, reservou à minha mãe o diagnóstico de um tumor no olho esquerdo. Duas intervenções cirúrgicas foram realizadas, contudo, o tumor continuou crescendo e foi necessária a remoção do glóbulo ocular.

Após a cirurgia de enucleação, enquanto minha mãe aguardava a alta hospitalar fui comprar os medicamentos na farmácia logo em frente. Quando voltei o sinal vermelho do semáforo me deteve. Fiquei ali, entregue aos meus pensamentos, até que a minha atenção se fixou, atônita, do outro lado da rua, no muro do hospital. Em cima da caixa de luz estava a cabeça de uma boneca sem o olho esquerdo, justamente o mesmo olho que a minha mãe acabara de amputar. Com um assombro que me percorreu a espinha, fotografei aquela cena e guardei a cabeça da boneca que permanece comigo até hoje, dentro do meu guarda-roupa.

Durante as três temporadas que perambulei pelos corredores hospitalares acompanhando minha mãe, muitas coisas aconteceram. Fazer esses relatos me interessa porque me ajuda a organizar algumas lembranças que ainda são desconfortáveis.

No ano de 2014 minha mãe passou pelo primeiro procedimento cirúrgico. Naquela época o meu pai ainda estava vivo. Eu não pensava em ser artista e estava no auge de uma fase revoltosa contra o mundo. A cabeça da minha mãe foi aberta de uma orelha até a outra, ela teve o rosto desmontado e depois remontado. Eu estava sozinha lá, da mesma forma como estive nas outras duas cirurgias e como estarei na minha própria cirurgia que se aproxima.

Entre as quatro paredes brancas da sala de espera, dois pensamentos me atordoavam. Um deles sussurrava a tentação da libertação iminente: se ela morresse, eu finalmente estaria livre para viver a minha vida. Enquanto o outro, com uma crueza avassaladora, berrava a certeza inegável de que se ela morresse, eu estaria fatalmente lançada ao abismo da solidão, pois, apesar de tudo, ela sempre foi meu único vínculo afetivo, o único apoio que tive e tenho.

A mistura de medo, angústia e vergonha tornaram aquele um dos momentos em que mais precisei de um abraço. É claro que não fui abraçada, afinal, a única pessoa com quem eu poderia contar estava do outro lado da parede, deitada numa maca, com o rosto desfigurado.

Quando vi minha mãe sendo retirada da sala, pálida e fria, sem saber se ela estava viva ou morta eu não sabia também o que desejar. Eu queria vomitar; queria chorar; queria sumir.

O pós-cirúrgico foi outra etapa delicada. Uma mistura de nojo, dó e raiva. Eu cuidava da medicação e trocava os curativos. Ser responsável pelo cuidado do corpo da minha mãe só se tornou mais suportável à medida que passamos a trabalhar juntas.

Não fosse pela produção artística que nos une, certamente eu não permaneceria ao seu lado. Eu nunca quis regressar a esta cidade. Não tenho amigos aqui e ando apressada na rua, com medo que falem comigo.

— Você não é a filha...? O que você faz? Teu pai morreu, né? Voltou pra cá? Trabalha com o quê? Ta casada? E o olho da tua mãe? Teu pai não era o Lurdinha?

Sinto calafrios só de imaginar a minha intimidade exposta para esse bando de coronéis vividenses. Aqui sempre fui vista como o lampejo de uma inadequação, uma coisa que não daria certo. Nada além da parceria artística com a minha mãe me interessa nesse lugar.

O que me faz odiar essa cidade é a barreira opressiva que ela impõe à vida das pessoas, com seus limites encarceradores que aprisionam e sufocam. E não exagero quando falo “esta cidade”, pois aqui esse comportamento é generalizado. Mesmo as pessoas que não são deliberadamente perversas, como por exemplo, as velhinhas com quem tomo chimarrão de vez em quando, demandam que eu dê satisfações sobre minha vida, que eu justifique minhas escolhas e obviamente, se minhas escolhas não são tradicionais, dificilmente serão compreendidas ou aceitas.

Sem dúvidas, a melhor coisa que me aconteceu foi o encontro com a arte. Sinto que expressão artística me permite transbordar e ultrapassar as fronteiras dessa cultura que me cerceia. A arte funciona como uma válvula de escape, um abraço que me faz sentir menos solitária, um lugar onde não me envergonho, é a única coisa que me interessa, é por onde consigo enfrentar minhas aflições.

Nesse contexto, o projeto *Autorretrato Infamiliar* se revela como um portal onde fantasias transfiguram fantasmas. Através dele sou capaz de dar forma e significado às minhas experiências pessoais, ou melhor, de resignificá-las.

Utilizar a própria história como ponto de ativação da escrita tem sido uma recomendação recorrente em diferentes cursos que tenho feito. Isso não é novidade para o meu processo criativo, pois sempre parti de questões pessoais e principalmente desde que retornei ao aconchego materno, venho tecendo ficções a partir da minha autobiografia.

Segundo Guacira Lopes Louro (2008), no Brasil, a busca pela autorrepresentação e a luta pelo direito de falar por si e falar de si, se fortaleceu a partir dos anos 1960, através de grupos sociais tradicionalmente marginalizados que passaram a questionar teorias e conceitos, derrubar fórmulas, criar linguagens e novas práticas sociais, protagonizando uma luta plural pela visibilidade de seus próprios modos de vida.

Em 2018, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, aconteceu a exposição *Mulheres radicais: arte latino-americana, 1960–1985*, onde foram apresentadas artistas que tiveram uma relação significativa com a autorrepresentação em suas obras. Explorando e reivindicando suas próprias identidades, histórias e corpo, elas romperam com estereótipos e representações idealizadas ou objetificadas frequentes na arte tradicional, produzida por homens (GIUNTA, 2018).

Essas artistas se apropriaram da autorrepresentação como uma forma de afirmar sua presença e sua voz na arte. Abordaram temas como a identidade de gênero, a sexualidade, a maternidade, o corpo feminino, a ancestralidade e a opressão política. Utilizando diversos meios artísticos, como a performance, a fotografia, a pintura e o vídeo, se expressaram e questionaram as normas sociais e artísticas vigentes na época.

É inquestionável que a autorrepresentação desempenhou um papel fundamental na construção de uma narrativa alternativa e mais inclusiva na história da arte. Ao se colocarem como sujeitos ativos de suas próprias representações, essas artistas radicais contribuíram para a ampliação das vozes e perspectivas femininas.

Essa abordagem é extremamente importante, pois através da arte são transmitidos códigos que reforçam valores e ampliam ideias, direcionando nossa percepção e determinando o que é passível de observação e reflexão. Susan Sontag (2004) salienta o poder expressivo da arte e acentua a necessidade de considerar as implicações éticas de sua produção, distribuição e consumo. Ao lançar mão de elementos visuais e simbólicos para explicitar suas vivências, pessoas e comunidades podem construir, reconstruir ou desconstruir mundos e narrativas.

Enquanto forma de se reafirmar e redefinir a própria presença no mundo, a autorrepresentação tem sido discutida por diferentes autores. No campo da escrita, ao

tratar da população Afro-diaspórica no Brasil, sobretudo das mulheres negras, Conceição Evaristo (2020) emprega o termo *Escrevivência*, sugerindo que os sujeitos procurem nas suas experiências cotidianas os motivos para contar suas próprias histórias.

No campo da filosofia, Michel Foucault (2009) desenvolveu os conceitos de “Escrita de si” e “Cuidado de si”, defendendo a importância do engajamento ativo na busca do conhecimento de si mesmo. Ao refletir criticamente sobre nossas próprias experiências e ao cuidar de nós mesmos de maneira consciente, podemos desenvolver uma compreensão mais profunda de nossa identidade e de como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor.

Além da influência dessas abordagens na percepção que tenho do meu processo criativo, venho pensando a minha produção pelo viés da autoficção. Na literatura, a autoficção é um gênero biográfico que entrelaça eventos reais com elementos fictícios, onde a linha entre a realidade e a ficção pode ficar meio confusa. Nesse estilo de escrita o intuito não reside simplesmente em reproduzir fielmente os eventos vividos, mas usar a experiência pessoal como ponto de partida para explorar temas mais amplos.

Em geral, acredito que toda autobiografia carrega uma boa dose de ficcionalidade, haja vista que a memória, em sua essência, é uma construção de caráter ficcional. O Freud (2008) (o Sigmund, não o meu cachorro que também se chama Freud) afirmava que as lembranças não são armazenadas de maneira precisa na mente humana; em vez disso, as memórias são reconstruídas a cada evocação, podendo ser influenciadas por fatores como emoções, crenças e expectativas. Recentemente vi na Netflix um filme (uma desbiografia) sobre a vida e obra de Manoel de Barros, ao falar sobre o próprio trabalho, o poeta diz:

— Só dez por cento é mentira, o resto é ficção.

Certamente, assim como os ensaios do projeto *Autorretrato Infamiliar*, essa dissertação também se enquadra no gênero da autoficção. No fim das contas, tudo o que produzo parte da autorrepresentação. Para mim, muito mais relevante do que a certeza dos fatos é o gosto da suspeita. Enquanto artista, estou preocupada em provocar reflexão. O espanto me interessa muito mais do que a verdade.

O prazer da escrita foi uma redescoberta que tive no ano passado com a série *Cartas à minha mãe*. Nela, fotografias acompanham cartas-poemas onde adoto uma abordagem mais livre e confessional, podendo ser associada aos estilos literários conhecidos como fluxo de consciência e monólogo interior.

O fluxo de consciência representa o pensamento de forma caótica, assim como ele surge na mente, é um termo que vem da psicologia e explica a natureza contínua dos

nossos pensamentos. O monólogo interior, por sua vez, é como se a pessoa estivesse conversando consigo, confessando, pensando em tomar uma decisão ou ainda refletindo sobre algo.

Me interessa o tom da conversa que esses estilos propiciam e a maneira como podem capturar a complexidade e profundidade das experiências internas de quem escreve. É como se a leitora fosse desafiada a fazer conexões entre ideias aparentemente não relacionadas, seguindo de perto o processo de pensamento da escritora.

Os poemas da série *Cartas à Minha Mãe* se originam de duas maneiras. Por vezes estou em casa e percebo algo que se torna uma metáfora latejante no meu pensamento. É uma imagem que se converte em versos, como por exemplo, no dia em que uma tempestade se aproximava e eu olhava os relâmpagos pela janela. Fiquei pensando sobre a impossibilidade de domesticar raios...

Minha mãe,
Recolha o teu vidro de conservas,
não importa quanta chuva você junte,
é impossível domesticar os raios.
Se os relâmpagos fascinam
é porque dançam livres no horizonte.

Assim como a chuva e os raios, a vida também não pode ser domesticada. Por mais que tentemos controlar, há sempre algo que escapa de nossa vontade. E é justamente aí que mora a beleza do existir, no imprevisível, no inesperado, no que foge do nosso controle e nos faz sentir vivos.

Na verdade, esse poema não está bem resolvido, acontece que a frase “é impossível domesticar raios” está martelando na minha cabeça há algum tempo e escrevendo aqui, lembrei dos potes de conserva guardados aos montes no nosso armário, então fiz esse poema-rascunho, mas vou pensar numa melhor versão para ele.

Outra situação é quando me sinto emocionalmente sensível e algum acontecimento corriqueiro desperta em mim uma reflexão poética sobre o que estou sentindo. Como no dia em que a minha mãe foi me entregar o chimarrão e por não fechar direito a térmica, a garrafa escorregou, quebrando completamente seu vidro interno.

Na hora senti uma tristeza profunda, mas tentei descontraír e não deixar que ela se preocupasse com a perda daquele objeto, facilmente substituível. Em seguida desabei na escrita.

Escorregou entre os teus dedos,
uma garrafa feita em pedaços.
O chão escaldado pela água fervente.
Eu que estava muito próxima do ocorrido,
ouvi o estrondo que reclamou das tuas mãos atrofiadas.
Mãos que já não fecham garrafas,
que desfalecem ao erguer peso e há tempos perderam o reflexo.
Ao me ver espelhada nos cacos,
fui tomada pela imagem dos nossos corpos em queda.
Corpos pré-estilhaçados.
Assim como uma mãe se alegra a cada gesto novo de seu bebê,
eu, mãe ao contrário, morro a cada gesto falido teu.
Porque não foi apenas uma garrafa quebrada.
Foi um alerta do porvir.
Um lembrete de que a vida é escorregadia,
e a qualquer momento, num descuido de uma mão/mãe enfraquecida,
se despedaçará.
(nos despedaçaremos)

Sobre a minha escrita poética, percebo que ela emerge de algo que me intriga fortemente, seja uma metáfora evocativa ou um sentimento intenso que me deixa especialmente sensível. De qualquer modo, a minha escrita é indissociável das imagens que se desenham diante de mim e isso de alguma forma insere a poesia no meu processo, dentro do campo das artes visuais.

Quando é o caso de um sentimento que me engasga, escrever sobre ele muda o lugar desde onde me afeta. Deixa de ser puramente emocional e se transforma em um problema estético, pois paro de remoer aquela sensação e me ocupo em procurar as palavras, os jogos linguísticos ou as metáforas precisas. Ao encontrar uma estrutura adequada para dar contornos àquele incômodo, experimento uma profunda satisfação.

Tanto os textos quanto as imagens se convertem em meios para conferir uma tangibilidade aos fantasmas que me rondam e ao compreendê-los, deixam de me assustar. Assim, a autorrepresentação funciona para mim como uma ferramenta eficaz para o autoconhecimento.

A consciência de si foi meu tema de estudo durante o curso de filosofia. Gosto muito da famosa inscrição do pórtico de Delfos *Conhece a ti mesmo*. Essa máxima, atribuída aos Sete Sábios da Grécia Antiga, com o tempo se tornou um dos lemas mais célebres da filosofia ocidental, enfatizando a importância de cada pessoa ter um entendimento mais profundo de si mesmo, incluindo suas forças, fraquezas e limitações, a fim de viver uma existência plena e significativa.

A investigação filosófica acerca da consciência de si resultou em uma diversidade de abordagens e teorias que contribuem para moldar nossa compreensão de nós mesmos e nosso lugar no mundo. São reflexões que nos conduzem por um caminho de autoexame, revelando aspectos fundamentais de nossa identidade, nos incitando a uma troca de escama.

Meus estudos que se debruçaram nas questões do autoconhecimento tiveram como principal referência a obra *O si mesmo como um Outro*, nela o filósofo francês Paul Ricoeur discute o conceito de Identidade Pessoal em relação com a alteridade e com o mundo social.

Ricoeur (1991) propõe que a Identidade Pessoal seja compreendida como uma construção narrativa, moldada pelas histórias que os sujeitos contam a respeito de si mesmos e pelos papéis que desempenham na sociedade. O autor também explora a maneira como o “eu” é influenciado e reflete o contexto social e cultural em que está inserido, argumentando que a Identidade Pessoal não é uma entidade isolada e autônoma, mas é moldada e incorporada nos sistemas sociais e culturais em que existe.

O que me encanta nessa perspectiva é a sugestão de que não há um "eu" sem um "outro" e que a fronteira entre essas instâncias não é claramente definida. Isso quer dizer que a Identidade Pessoal (o “eu”) é uma intrincada teia de narrativas entrelaçadas, permeadas pela interação com outras existências e pela influência dos contextos históricos, sociais e culturais. É por meio dessas complexas tramas que forjamos nossa compreensão de nós mesmos, navegando pelas histórias que nos constituem e pelo significado que atribuímos às nossas experiências pessoais e interpessoais.

A identidade do eu se constitui na interseção entre o si mesmo e o outro, onde ambos se encontram, se entrelaçam e se transformam mutuamente.



Amanhã vou embora.
Não estarei mais por perto para te ver sangrar.
Da tua pele fina jorra muito sangue,
ainda que por pequenos cortes como esse pontinho na tua testa.
Já tenho vários cabelos brancos,
lembrarei de você sempre que me olhar no espelho.
É provável que você não se desnude tanto, mas vou continuar nua por aí.
Essa aranha artificial é ridícula, mas tenho medo.
É extremamente difícil sair da teia de uma mãe-aranha.
Após devorar o macho, ela tem a cria só para si.
Já está nutrida, então vai devorando aos poucos e ensinando a devorar.
Num determinado ponto, mãe e filha-aranha devoram-se mutuamente:
por amor; por ódio; por vingança; por esperança.
Eu espero uma vida livre, você espera por mim.

29/12/2022 – Quinta-feira

É necessário erotizar Sísifo!

(Hoje não é dia vinte e nove. Já estamos em junho de 2023. É uma quinta-feira, dia de *Corpus Christi*. No próximo domingo completarei a trigésima quinta volta ao redor do sol.

Revisando o texto, fiz algumas alterações e achei pertinente incluir aqui algumas considerações acerca do erótico, pois o erotismo é um conceito presente na minha produção artística desde o seu início.

Então, lanço mão da licença poética e abro um grande parêntesis, forjando um “hoje” para dar sequência ao assunto que iniciei anteriormente, sobre o autoconhecimento, e apontar como ele se relaciona com o erotismo.

Até a minha qualificação eu pensava em escrever sobre uma ética e uma estética eróticas. De certo modo, faz sentido na minha cabeça, mas minha abordagem estava muito superficial. Tanto a Ética quanto a Estética são áreas tradicionais da filosofia e eu não pretendia aprofundar a teorização sobre elas.

Com a ética, o que eu queria era propor o erotismo enquanto norteador das ações na vida em sociedade. Com a estética, minha intenção era analisar algumas produções artísticas contemporâneas a partir de um viés erótico.

Percebo como eróticas aquelas obras que surgem como um ato de insurreição contra o colonialismo e seus derivados, denunciando as opressões mantidas pelas velhas políticas de gênero, raça e classe. Nesse contexto, o erotismo desafia e subverte as normas sociais estabelecidas, oferecendo uma perspectiva crítica e transformadora.

Porém, em diálogos de orientação com Débora, fui percebendo que isso de propor uma “ética” e uma “estética” chega a ser uma pretensão bobá, algo que está muito mais relacionado à minha experiência no curso de filosofia do que com a minha produção artística. Diante disso, optei por direcionar a escrita da dissertação para a investigação sobre o processo artístico do projeto *Autorretrato Infamiliar*, o qual considero uma obra erótica.

...

Acredito que hoje abordarei o texto de uma maneira atípica em relação aos outros dias, tentando conciliar excitações, hesitações e citações. Talvez seja influência do meu mapa astral, a escrita certamente é uma questão de signos.

(se) O conhecimento de si contribui para uma vida autêntica

(e) Uma vida autêntica é uma vida erótica

(logo) O autoconhecimento é o caminho para o Erotismo

Quando iniciei o curso de filosofia, minha atenção estava voltada para os temas do suicídio e do amor. No entanto, por razões práticas, mais exatamente pela disponibilidade de uma bolsa de Iniciação Científica, comecei a pesquisar sobre a Identidade Pessoal.

Mesmo com a mudança no meu foco de pesquisa, os temas do suicídio e do amor continuaram a me despertar grande interesse. Acredito que esses assuntos influenciam significativamente a minha produção, bem como o modo como encaro o fazer artístico e o meu posicionamento diante da vida. *Eros e Tânatos* (as pulsões de vida e de morte) atuam como mediadores na minha perspectiva artística sobre o mundo e no meu olhar sobre a existência.

Só existe um problema filosófico realmente sério: é o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à questão fundamental da filosofia. (...) E se é verdade, como pretende Nietzsche, que um filósofo, para ser confiável, deve pregar com o exemplo, percebe-se a importância dessa resposta, já que ela vai preceder o gesto definitivo. Estão aí as evidências que são sensíveis para o coração, mas é preciso aprofundar para torná-las claras à inteligência. (CAMUS, 1989, p.07)

Em *O mito de Sísifo*, Albert Camus argumenta que o suicídio é a única questão filosófica que realmente importa porque lida com a pergunta fundamental da existência humana: o valor da vida.

Essa questão é explorada por meio da figura de Sísifo, que na mitologia grega foi condenado pelos deuses a uma tarefa infinita e inútil. Sob as ordens de Zeus, ele era obrigado a empurrar incessantemente uma pedra colossal para cima de uma montanha, mas quando alcançava o topo a pedra rolava montanha abaixo, sendo compelido a recomeçar o processo.

A metáfora de Sísifo carrega consigo a noção de uma existência marcada pela repetição e pelo absurdo. Sísifo está condenado a realizar uma tarefa sem sentido, sem jamais alcançar um resultado. Sua luta incessante e desprovida de propósito reflete a condição humana, em que muitas vezes nos vemos envolvidos em ações e atividades que podem parecer vazias e sem sentido.

Camus utiliza a figura de Sísifo para questionar o significado da vida diante dessa aparente falta de propósito, apresentando uma reflexão profunda sobre a natureza humana e os limites da compreensão. A existência é absurda e sem sentido, mas essa realidade não torna a vida menos fascinante. Pelo contrário, é precisamente a falta de um propósito imanente que faz da vida uma experiência interessante e desafiadora.

A afirmação de que não existe um propósito intrínseco à vida significa que a existência humana não tem um objetivo ou sentido predefinido (não nascemos “para”). Essa percepção do absurdo pode causar uma sensação de desamparo e desânimo, mas em vez de se deixar consumir por esses sentimentos, é importante perceber que isso possibilita a liberdade de criar e cultivar os próprios propósitos.

Ao reconhecer que a vida pode não ter um propósito inerente, somos convidados a assumir a responsabilidade por dar sentido às nossas próprias existências. Somos desafiados a explorar e descobrir o que é de fato significativo para nós, encontrando satisfação em nossas escolhas e ações.

Gosto muito de ouvir o Ailton Krenak falando que a vida não é útil, que a vida é fruição. É necessário repensar e reinventar os nossos sonhos, reconhecendo que a busca por um sentido e propósito na vida exige participação ativa e uma visão crítica do mundo ao nosso redor.

(...) mas a vida não tem utilidade nenhuma. A vida é tão maravilhosa que a nossa mente tenta dar uma utilidade a ela, mas isso é uma besteira. A vida é fruição, é uma dança, só que é uma dança cósmica, e a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária. (...) Nós temos que ter coragem de ser radicalmente vivos, e não ficar barganhando a sobrevivência. (...) Eu tenho insistido com as pessoas, seja na minha aldeia, seja em qualquer lugar, que sobreviver já é uma negociação em torno da vida, que é um dom maravilhoso e não pode ser reduzido. Nós estamos, em nossa relação com a vida, como um peixinho num imenso oceano, em maravilhosa fruição. Nunca vai ocorrer a um peixinho que o oceano tem que ser útil, o oceano é a vida. Mas nós somos o tempo inteiro cobrados a fazer coisas úteis. É por isso que muita gente morre cedo, desiste dessa bobagem toda e vai embora. Uma vez me perguntaram: “Por que que tantos jovens indígenas estão se suicidando?”. Porque eles estão achando a vida tão cretina e essa experiência aqui tão insalubre que estão preferindo ir para outro lugar. Eu sei que falar disso é doloroso, muitas famílias perderam crianças, meninos, adolescentes, mas a gente não precisa ter medo de nada, nem disso. Viver a experiência de fruir a vida de verdade deveria ser a maravilha da existência (...) Não é destino deles nem meu nem de ninguém: nós estamos aqui para fruir a vida, e quanto mais consciência despertarmos sobre a existência, mais intensamente a experimentamos. Sem autoenganação. (KRENAK, 2020, p. 61)

Ao descartarmos a ideia de um destino pré-determinado somos impelidos a imaginar futuros possíveis e, impulsionados pela *vontade de potência*, nos lançamos na construção desses caminhos. Aqui o autoconhecimento se torna uma questão crucial, ele

é a via por onde adquirimos clareza sobre quem somos e o que realmente nos impulsiona, é o que nos capacita a discernir entre os desejos e expectativas impostos pela sociedade e aqueles que são verdadeiramente nossos.

“Só há uma questão: saber o quanto se vale. Mas para isso, é preciso deixar Sócrates de lado. Para se conhecer, é preciso agir, o que não quer dizer que é possível se definir.” (CAMUS, 1971. p. 11)

É verdade que o lema “conhece a ti mesmo” pode ser interpretado de maneira limitante se considerarmos a identidade como um dado fixo e imutável. A noção de um “eu” estático pode restringir nossa compreensão das complexidades e transformações que ocorrem ao longo da vida. A Identidade Pessoal é multifacetada e está sujeita a mudanças continuamente.

Além disso, a introspecção por si só não é suficiente. O conhecimento de si requer ação e experiência no mundo. É na interação com o mundo e nas experiências vividas que somos desafiados, confrontados com diferentes perspectivas e temos a oportunidade de explorar e descobrir aspectos desconhecidos de nossa identidade.

Dito de outro modo, a busca pelo autoconhecimento é um processo contínuo que demanda exame constante de ações, experiências e relacionamentos. Não acho que essa seja uma tarefa fácil, mas é fundamental sabermos o que realmente desejamos para nossas vidas, pois quando não escolhemos, permitimos que outras pessoas ou circunstâncias escolham por nós.

É necessário tomar a vida para si e se colocar à altura do desejo para romper com o que nos aprisiona e nos limita. Devemos tornar a vida ativa no mundo, criando as nossas próprias condições de potência.

E sabeis o que é para mim o “mundo”? E mister que vo-lo mostre ao espelho? Este mundo é um monstro de força sem começo nem fim [...] aquilo que eternamente deve retornar, como um devir que jamais conhece a saciedade, jamais o tédio, jamais a fadiga —: este meu mundo dionisíaco da eterna criação de si mesmo, da eterna destruição de si mesmo, este mundo misterioso das voluptuosidades duplas, meu “além do bem e do mal” [...] este mundo, que eu concebo, — quem, pois, possui o espírito bastante lúcido para contemplá-lo sem desejar ser cego? Quem é bastante forte para apresentar sua alma ante esse espelho? Seu próprio espelho ao espelho de Dioniso? Sua própria solução ao enigma de Dioniso? [...] Este mundo é o mundo da vontade de potência e nada mais. E vós também sois esta vontade de potência e nada mais. (NIETZSCHE, 2011, p. 385)

Assumir a vida enquanto vontade de potência, isso é, aceitar e desejar a vida em constante expansão com seus ciclos e excessos, é se posicionar eroticamente no mundo.

Uma vida erótica, rejeita o modelo darwiniano que se refere apenas a conservação e adaptação do indivíduo as circunstâncias presentes.

O erotismo vai na contramão dos sujeitos do inconsciente colonial capitalístico que negam a vida em sua vontade de potência e vivem cafetinados, satisfazendo desejos pré-fabricados com sabor e aroma artificial idêntico ao natural. A vida tomada em sua plenitude implica em estar presente no mundo, ser parte do mundo, em ser consciente de sua posição de sujeito que assume os próprios desejos sem outorgá-los a outrem.

O conceito de *Inconsciente Colonial Capitalístico* refere-se a uma concepção teórica que visa entender as dinâmicas e os efeitos do colonialismo e do capitalismo na formação das sociedades contemporâneas. Colonialismo e capitalismo são sistemas econômicos e políticos com uma dimensão psíquica capaz de permear as estruturas sociais e a mentalidade das pessoas. Por meio de padrões de pensamentos, valores, ideologias e comportamentos eles perpetuam estereótipos, preconceitos e hierarquias baseadas sobretudo em raça, gênero e classe.

A lógica dominante no sistema capitalista, lógica do lucro, da competição e da acumulação de riqueza influencia como as pessoas se percebem e se relacionam com o mundo. Isso envolve a internalização de valores individualistas, consumistas e a busca incessante pelo crescimento econômico, muitas vezes em detrimento do meio ambiente e das relações sociais.

Ao contrário de uma vida autêntica, os sujeitos do inconsciente colonizado têm uma vida cafetinada, operada pelo modelo de exploração que, para além da força de trabalho, usurpa a potência criativa. Vivemos uma versão do capital que se apropria da pulsão erótica da vida, nele “a força vital de criação e cooperação é assim canalizada pelo regime para que construa o mundo segundo os seus desígnios” (ROLNIK, 2019, p.32).

Extraindo um exemplo da literatura, em *A metamorfose* Franz Kafka (1988) descreve o protagonista como o oposto de alguém que assume a vida em sua plenitude. Gregor Samsa é um caixeiro-viajante que não gosta de sua profissão, mas é obrigado a continuar nela para sustentar seus pais e sua irmã. Mantém uma vida cafetinada, no sentido de estar sempre em função dos desejos alheios.

Certa manhã, ao acordar metamorfoseado em um inseto gigante, Samsa fica aflito por se atrasar e arriscar perder o emprego. Não se preocupa a priori em entender no que consistia aquela transformação, nem no que exatamente ele havia se transformado. Sua principal preocupação era convencer o gerente e a família de que estava bem, que tivera um contratempo e já estava pronto para voltar ao trabalho.

Há muitos casos como esse narrado por Kafka, em que aos poucos a vida vai perdendo a razão de ser. Emprego, família, posição social e crenças são fatores que muitas vezes causam tamanha inércia no sujeito que se ele não se impor, se ele não agir em favor da sua vontade de potência, logo estará reduzido a qualquer coisa tão repugnante quanto um inseto gigante.

Costumo pensar que independente de quanto dure, a vida é muito breve. Piscamos e já se passou uma década. Se não nos atentarmos para a existência em si, arriscamos empenhar nosso tempo tentando cumprir o checklist que ganhamos no dia do nosso nascimento.

Assim, o que está em jogo na questão do autoconhecimento é um longo processo genealógico do si mesmo que pode ser desafiador e desconfortável. Requer enfrentar nossos fantasmas e reconhecer nossa própria história, mesmo que isso signifique confrontar aspectos dolorosos.

Essa jornada demanda desenvolver uma intimidade profunda com quem somos, adotando um olhar consciente que nos permita discernir entre nossos desejos legítimos e aqueles impostos pela cultura hegemônica, pela influência das mídias e pelas expectativas e pressões externas que nos são colocadas.

Cultivando essa intimidade poderemos tomar decisões que contribuam para uma existência mais plena e satisfatória. É nesse sentido que entendo o cultivo de si como uma postura política diante da vida, que assume um caráter erótico.

O erotismo está intimamente ligado a transgressão, ele ultrapassa a esfera sexual, envolvendo aspectos físicos, emocionais e psicológicos. Ao romper com as convenções sociais e culturais, o erotismo nos incita a explorar e transcender as limitações impostas sobre nossa experiência do mundo e de nós mesmos.

A própria palavra erótica vem do grego eros, a personificação do amor em todos seus aspectos – nascido do Caos, e personificando o poder criativo e a harmonia. Então, quando falo do erótico, o estou pronunciando como uma declaração da força vital (...), daquela energia criativa fortalecida, cujo conhecimento e uso estamos agora retomando em nossa linguagem, nossa história, nosso dançar, nosso amar, nosso trabalho, nossas vidas. (LORDE, 2009)

Assim como Audre Lorde, Bell Hooks compartilha a visão de que o erotismo é fonte de poder individual e coletivo, que foi suprimido e marginalizado pela sociedade dominante. Para essas autoras, a supressão do erótico leva à desumanização e objetificação dos indivíduos, particularmente de mulheres e de pessoas racializadas, portanto elas destacam a importância de valorizar e reivindicar o erotismo como uma

forma de resistência e emancipação, combatendo as estruturas opressivas e construindo uma sociedade mais justa e igualitária.

Recuperar e celebrar o erótico pode ser um meio de resistir aos sistemas opressores para criar conexões mais profundas entre os indivíduos (LORDE, 2009). O erotismo na qualidade de transgressão, tem como objetivo a liberdade, encorajando os indivíduos a se afirmarem no mundo.

Portanto, uma vida erótica transcende a simples adaptação e conservação. Ela implica em vivenciar a existência com intensidade, conscientes de nossos desejos e comprometidos em expressar nossa vontade de potência. É através dessa abordagem erótica que podemos desafiar as normas impostas pelo sistema e tornarmos protagonistas de nossa própria trajetória, vivendo uma vida plena, consciente e conectada com os propósitos que nós mesmos nos estabelecermos.)

Movendo inteiramente a dor para o outro lado, encontramos a alegria, a liberdade de espírito trazidas por uma ética do amor. (HOOKS, 2019)

03/01/2023 – Terça-feira

Mas você é uma artista!

Percebo que muitas das escolhas artísticas que faço estão relacionadas às minhas experiências vividas. No caso do projeto *Autorretrato Infamiliar*, acho que o modo como construo as fotografias, pensando em sequências narrativas, é influenciado pelo meu contato com o teatro durante a adolescência.

— *Mas você é uma artista mesmo, menina!* (minha mãe sempre soube)

Lembro agora das minhas duas grandes performances juvenis. A primeira foi quando minha mãe chegou em casa após um longo dia de trabalho e encontrou muitos utensílios de cozinha cheios de furos. Na minha ingenuidade estratégica, pensei que se eu estragasse as panelas não precisaria mais lavá-las, então peguei um abridor de latas e furei tudo o que era de alumínio.

O segundo ato performático aconteceu quando eu tinha uns treze anos e minha mãe voltou para casa após outro dia exaustivo de trabalho. Não tínhamos portas dentro de casa e ao abrir a cortina do meu quarto minha mãe me flagrou empunhando uma seringa na minha veia saltada do braço esquerdo. Embora eu estivesse apenas tirando sangue para fazer desenhos, ela entrou em pânico pensando que se tratava de drogas.

Em 2021, inspirada por essa memória, minha mãe e eu fizemos uma série fotográfica na qual preparamos e comemos uma morcilha com sangue tirado do meu braço.

...

Ontem minha mãe recebeu uma câmera compacta enviada através dos Correios. Nós até que nos damos bem trabalhando juntas, ela é inteligente e astuta, capaz de aprender rapidamente quando explico e dou exemplos.

Uma das questões que mais me assombravam desde que comecei a fotografar com minha mãe era o motivo pelo qual ela concordava em participar daquilo. De algum modo, eu achava que era por medo de mim. Ainda pondero que no início talvez ela tenha sido motivada pelo medo, mas não medo da minha suposta monstruosidade e sim medo de que eu fosse embora novamente. Ao fazer parte do meu trabalho, ela fortalecia nosso vínculo e garantia a minha presença ao seu lado.

No começo, quando questionada sobre o motivo de aceitar ser fotografada, ela costumava responder que fazia isso para me ajudar e evitar que eu “usasse” outras pessoas

como modelos. Essa resposta me deixava envergonhada e ressentida. Nunca forcei minha mãe a fazer qualquer pose ou foto. Reconheço que sou boa na persuasão, mas minhas estratégias eram justas. Eu oferecia trocas: uma tarde fotografando e eu passaria o final de semana com ela na casa da minha nona.

Com o passar do tempo, fui me amansando. Comecei a perceber que ela fazia aquilo para me ajudar e me agradar, mas também porque realmente gostava. Ela se interessava pelo resultado das fotos, pela montagem das cenas e sempre ficava orgulhosa do que criávamos juntas. Quando eu era selecionada em algum edital, a primeira coisa que ela perguntava era se eu havia entrado “sozinha”, queria saber se ela também estava incluída.

Era evidente o quão significativo tudo aquilo se tornava para ela. Aos poucos, adotou o discurso de que também é uma artista e hoje usa isso como desculpa para qualquer disparate que cometa. Por exemplo, uma vez ela decidiu colocar cenoura no sagu, quando perguntei quem havia lhe ensinado aquela receita estranha, me respondeu:

— Mas eu não sou uma artista?

Em outra ocasião, ela levou um lençol para minha tia costurar a barra e minha prima de oito anos comentou:

— Credo tia, que estampa é essa?

Minha mãe estufou o peito e prontamente respondeu:

— É que sou uma artista.

Adair Martíol com certeza é uma artista, versada nas artes da vida. Foi ela quem me ensinou a pintar e bordar. Eu era criança e juntas pintávamos panos de prato e toalhas de mesa. Fazíamos moldes (estêncil) derramando parafina em folhas de papel sulfite. É provável que herdei dela a coragem da experimentação. (Esses dias eu estava fazendo almoço e achei que ficaria bom colocar ramos de canela na água para cozinhar a polenta que eu comeria com mariscos).

Como sempre fomos só nós duas em casa, fazíamos todo o trabalho necessário, recorrendo a ajuda externa apenas para o que realmente não conseguíamos realizar. Erguíamos muros, portões, cavávamos fossas, trocávamos chuveiros, montávamos móveis, capinávamos, construíamos calçadas, podávamos árvores, cortávamos lenha, instalávamos torneiras e trocávamos vidros.

Certamente a internet facilitou a resolução de tarefas domésticas, disponibilizando uma infinidade de vídeos “DIY” (do it yourself — faça você mesma). Por curiosidade, acabei de digitar no buscador “Como fazer massa...”. Entre as sugestões de busca

estavam: “como fazer massa de pastel; como fazer massa de biscoito; como fazer massa de pão; como fazer massa para assentar tijolo; como fazer massa para pescar”.

...

Se à primeira vista pode parecer que subverti a vida de minha mãe ao retornar para a casa dela, um olhar mais atento oferece outra interpretação. Adair Martiól sempre foi aberta à vida e apesar de todas as barreiras, nunca deixou de sonhar. Mesmo nos momentos mais difíceis ela sustentou a alegria e o desejo de viver.

Assim, quando voltei e apresentei a expressão artística como uma possibilidade para ela, na verdade só assoprei as brasas da fogueira, o fogo já estava ali. Ada-Sísifo descobriu algo novo em sua pedra, ou talvez, reinventou sua coreografia do subir e descer a montanha. Essa perspectiva é reforçada por um acontecimento recente.

Tenho ensinado minha mãe a fotografar para que ela registre o meu período pós-operatório. Não abordo aspectos conceituais ou temáticos, apenas oriento sobre enquadramento e a importância de observar a luz natural.

Desde então ela passou a tirar muitas fotos de um passarinho que temos em casa, criando cenários e colocando-o em situações inusitadas. É um pássaro com uma história triste, como imagino que seja o caso de todos os pássaros com asas cortadas.

Minha mãe morava sozinha quando ganhou um pássaro verde com penas vermelhas na cabeça. Achando que a ave precisava de companhia, ela acabou comprando mais dois da mesma espécie. Chamavam-se Tese, Antítese e Síntese. No entanto, o problema surgiu quando esses dois formaram um casal, deixando o primeiro pássaro não apenas solitário, mas também triste. Além de seu espaço na gaiola ficar limitado, ele era obrigado a conviver com o romance do casalzinho.

Certo dia, fui buscar laranjas para tratar os passarinhos. Eu relutava em ir, pois a laranjeira ficava no terreno do vizinho que tinha uma cachorra enorme. Porém, minha mãe me ameaçou dizendo que se eu não fosse, ela iria.

Quando alcancei a terceira laranja, avistei a cachorra voando furiosa em minha direção. Corri e ao pular a cerca meu vestido enroscou nos arames, fiquei pelada e cheia de cortes pelo corpo. Além disso, sofri uma rotura completa no ligamento do joelho esquerdo e precisarei fazer uma cirurgia de reconstituição.

A cadela deve ter ficado constrangida ao me ver naquela situação e desistiu de me atacar. No meio daquele caos, minha mãe olhou para mim e perguntou se eu havia conseguido pegar as laranjas.

Para piorar a situação, eu estava caída diante de um tronco de árvore onde havia guardado em um baleiro de vidro, um gatinho morto, com o objetivo de fotografar sua decomposição. Era uma cena bizarra o suficiente para que, mesmo diante de tanta dor, eu me esforçasse em sair dali por conta própria, sem chamar a ambulância.

Infelizmente, Tese e Antítese não sobreviveram aos cuidados de minha mãe. No entanto, Síntese passa grande parte do tempo solto em cima da gaiola. Todas as manhãs minha mãe vai até a horta buscar framboesas frescas para ele. Quando chove, ela o coloca na chuva, pois diz que ele gosta de se banhar. Todos os dias durante o café da manhã, o passarinho fica conosco à mesa e vai beliscando os amendoins que minha mãe encontra nas fatias de pão, amendoins colocados na massa justamente com esse propósito.

Talvez (essa reflexão me ocorreu agora), eu não goste da presença do pássaro porque na mesa ele fica na direção oposta à minha. Diariamente observo-o sobre a gaiola com as asas cortadas, sendo alimentado por minha mãe. De alguma forma, sinto como se eu estivesse diante de um espelho. O pássaro reflete a minha própria condição.

Dado o protagonismo que Síntese assumiu em casa, entendo que ele fosse o assunto principal das primeiras fotografias de Adair e nunca questionei essa escolha. Em uma ocasião, Ada passou o fim de semana no sítio, com sua mãe. Ao voltar para casa no domingo, depois de colher framboesas para Síntese, ela estendeu o braço e me entregou o celular, dizendo:

— *Eu tenho um presente para você.*

De imediato presumi se tratar de mais uma daquelas fotografias e como nas outras vezes, fingi interesse. Entendo ser necessário respeitar o tempo de aprendizado de cada um e que o essencial é manter o entusiasmo e o encantamento pela prática artística.

Quiçá, se em algum momento eu tivesse manifestado meu desgosto por mais uma foto desfocada daquele pássaro de asas cortadas, ela poderia ter se magoado e ao invés de buscar outros temas, simplesmente desistiria de fotografar.

Por isso, eu costumava fazer comentários do tipo: “Ah, que legal! Olha como aqui você fez tal coisa... Aqui poderia ter sido assim... Muito bom, muito bom... Continue fazendo.” Ela se animava pelo feito e logo aparecia com mais uma foto, quase idêntica à anterior.

Então, peguei o celular de suas mãos enquanto eu esticava os meus lábios naquele sorriso forçado de quem não espera muita coisa, mas precisa fingir surpresa. Abri a galeria de imagens e *caramba*: minha mãe fotografou a mãe dela nua! Extasiada, fui transportada

para outro lugar no espaço e no tempo onde pude vislumbrar a cena acontecendo diante dos meus olhos.

Em uma zona rural, no meio do mato, numa casa com paredes e vidas consumidas pelo tempo, Adair abre a cortina na porta do quarto onde a minha nona acabara de se recolher após o banho. Lá está ela, em pé, de perfil diante de uma janela aberta. O sol forte da tarde cria uma contraluz que delinea a silhueta do corpo e mantém oculta a identidade do rosto daquela mulher Martiól de 94 anos. Ela se destaca no centro da imagem com sua barriga que carregou quatorze filhos, seios que amamentaram por mais de quinze anos e cabelos desbotados pelo sol e pela chuva, tomados na lida com a terra.

Envergadura curvada como quem diz estar cansada, como se buscasse recolher-se em si. As mãos, firmemente apoiadas nas costas, direcionam-se aos rins, órgãos sagrados que segundo a medicina tradicional chinesa armazenam a essência vital (Jing), uma força sutil responsável pelo crescimento, desenvolvimento, reprodução e fertilidade.

Na lateral esquerda da cena, o espelho quadrado da penteadeira reflete a figura da minha nona desde os ombros até quase os joelhos. A imagem preserva sua intimidade ao evitar mostrar a bunda, ocultada sutilmente por uma folhagem verde que mora em uma panela furada, em cima do móvel.

À medida que o olhar percorre a cena, tudo é velado e revelado numa justa harmonia, com uma sensibilidade impressionante. Arrematando a composição, as paredes de madeira, que já carregaram camadas de tinta amarela, exibem a aspereza das tábuas descascadas, em contraste com a suavidade do vento que passa através das largas frestas. Uma toalha rosada seca na janela enquanto a cadeira abriga um penico improvisado de cor vermelha, próximo a uma gaveta sem o puxador.

No lado direito, após ter despencado do prego, um crucifixo repousa inclinado na viga da parede. Sobre a cama desarrumada, as roupas que ainda cheiram fumaça de lenha verde, banha de porco, pomadas e unguentos são refletidas em outro espelho, um espelho maior, que pertence a um guarda-roupa que já foi meu.

Que foto minha mãe! Que orgulho! Que alívio!

Minha mãe viu a cena, percebeu que daria uma foto interessante, pegou o celular e fez o registro. Diante do flagrante da minha tia, que a questionou por tirar foto da nona pelada, ela entrou em um jogo de dissimulação tentando contornar a situação. Ela ainda tinha a opção de apagar o arquivo, em vez disso, me presenteou com essa maravilhosa fotografia.

— Me conta mãe, como foi? Como aconteceu essa foto?

— Não sei, me deu vontade de fazer e eu fiz. Não sei porque fiz, mas fiz.

Com um sorriso malandro, ela passou o dia repetindo:

— Você imaginava que um dia eu seria capaz de fazer isso com a minha mãezinha?

Acho que ela perguntou várias vezes porque nem ela mesmo acreditava. Passei o restante do dia sorrindo, rindo de verdade, dessa vez sem fingimento.

O que mais me anima é saber que eu não tive nenhuma participação direta nisso. Minha mãe estava sozinha, foi sua própria decisão e olhar que resultaram naquela atitude fotográfica. O que me impressiona vai muito além da imagem capturada. O que realmente importa para mim é o profundo significado implícito nessa atitude, nesse gesto artístico. Essa situação me trouxe um imenso alívio ao sinalizar que, se em algum momento minha mãe colaborou com meu trabalho por algum tipo medo, esse já não era mais o caso.

Assim, ao exceder o papel de mera colaboradora, minha mãe assumiu a posição de coautora. Hoje, a partir do espaço doméstico, trabalhamos em parceria explorando novas possibilidades criativas e nos aventurando em um processo de criação compartilhado.

12/05/2023 Sexta-feira

Atualização e acabamento

Desde a qualificação realizada em dezembro muitas coisas têm acontecido. O ano de 2023 está bastante movimentado! No mês de janeiro passei por uma miomectomia. Fiquei sozinha no hospital, mas minha mãe cuidou de mim durante o período pós-operatório e fez várias fotos.

Após um mês da minha cirurgia no útero, recebi uma mensagem informando que o ortopedista havia conseguido uma vaga para operar meu joelho, seria no dia seguinte. Mesmo estando em recuperação, decidi enfrentar a nova cirurgia. Sem tempo para me angustiar, fui sozinha ao hospital. Dessa vez foi mais rápido, cheguei em um dia e saí no outro.

Enquanto eu aguardava na sala de emergência para ser internada, recebi a notícia da minha seleção para uma residência do Fórum de Fotoperformance em Belo Horizonte. Naquele momento eu não tinha ideia de como estaria em três semanas, quando precisaria me deslocar até Minas Gerais.

— Puta merda! E agora?

Eu sabia que nas condições em que meu corpo se encontrava era impossível fazer uma viagem tão extensa. A miomectomia foi bastante invasiva, eu recém tinha voltado a caminhar e me movimentar sem sentir tantas dores. Ainda faria a reconstituição do ligamento no joelho, que envolvia a remoção de um pedaço de nervo do meu quadríceps e seu enxerto no tendão rompido. Esse nervo passaria por um processo chamado ligamentização, que leva cerca de um ano. Portanto, eu não tinha certeza se estaria apta para viajar na data prevista da fase presencial. Mas eu realmente queria participar daquela residência e já estava em repouso havia um mês, estava exausta de tantas limitações físicas.

Na ocasião da qualificação, o que eu tinha era um texto denso de duas páginas repletas de conceitos e referências que não foram exploradas em profundidade (que eu pretendia desenvolver na dissertação), juntamente com uma ideia inicial de um fotolivro que reunia quase todos os ensaios do projeto *Autorretrato Infamiliar*.

Ali, minha principal dúvida era se eu deveria criar um único fotolivro ou dividir os ensaios em diferentes volumes. No fim, optei por um único volume de fotografia e a parte teórica desenvolvida em uma seção separada.

Criar um fotolivro era novidade para mim, comecei a pesquisar sobre o processo e percebi ser uma tarefa difícil de fazer sozinha. No entanto, considerando os custos envolvidos em contratar um designer ou editora, optei por investir em cursos e aprender o que era necessário em cada etapa.

...

Em meados de janeiro, à medida que a data da minha cirurgia se aproximava, passei a me sentir muito ansiosa e decidi que antes do procedimento, eu criaria uma primeira versão da parte teórica.

Comecei a dissertação após seguir as dicas de um exercício que ouvi em um curso de escrita. Adotei uma abordagem mais íntima e pessoal para expressar minhas ideias, como se eu estivesse escrevendo uma carta.

Acho que essa abordagem em formato de diário permitiu que eu explorasse minhas emoções, reflexões e descobertas sobre o processo de pesquisa e criação. Talvez, ao escrever como se eu estivesse me dirigindo a alguém próximo, logrei de algum modo transmitir minha sensibilidade de forma mais expressiva.

Quando eu tinha dezessete anos, meu pai chegou em casa bêbado e causou uma discussão extremamente séria entre nós. Foi a primeira e única vez que o confrontei, eu sempre baixava a cabeça diante dele. Entre outras coisas, me acusou de ser a responsável pela mudança no relacionamento dele com a minha mãe. De fato, a minha existência parecia desagradá-lo profundamente.

Minha mãe assistiu àquilo em silêncio. Ao me ver sair de casa às onze horas da noite, sozinha e sem rumo, ela não tentou me impedir, não falou comigo. Para mim, era a confirmação de todas as palavras que ele havia me dito. Ela escolheu ficar com ele.

Naquela mesma semana participei de um retiro espiritual da Renovação Carismática Católica e conversei com um dos pregadores sobre a minha situação em casa. Disse a ele que eu não aguentava mais e que iria sumir. Preocupado, ele prometeu entrar em contato com um padre amigo dele que cuidava de uma comunidade religiosa, a fim de conseguir um lugar para eu passar um tempo.

Na semana seguinte minha mãe entrou no meu quarto enquanto eu arrumava a mala, eu lhe disse estar partindo. Não consigo recordar exatamente sua reação, lembro apenas que ela não demonstrou desespero ao saber que eu estava indo embora, mesmo sendo a “filha tão desejada”.

Ainda que o abuso de drogas não fosse o meu problema, eu estava indo para uma comunidade de reabilitação. Tive a sorte de vivenciar intensas experiências místicas

naquele lugar. Era uma chácara isolada, longe da cidade, sem telefonemas, sem televisão e com visitas restritas aos domingos, das 13h às 18h.

A única forma de comunicação permitida com pessoas de fora era por meio de cartas. Eu já tinha o hábito de escrever cartas antes mesmo de ir morar lá. Sempre fui fascinada pelo ritual envolvido na troca de correspondências.

(Escolho um papel, me acomodo em uma cadeira, faço um recorte dos pensamentos, imagino o que e com quais palavras contar. Em seguida decido se devo passar o texto a limpo ou enviá-lo como está, com marcas de arrependimentos, palavras riscadas por erro, ou por na metade do caminho ter tropeçado em algum sinônimo mais adequado. Sempre há o risco de que a carta se perca, seja lida por outras pessoas, ou até mesmo que nem chegue a quem se destina. Vou até o correio com a carta aberta (se o acaso interferir, quero garantir que ainda terei a chance de mudar alguma coisa), me deparo com aquele potinho de design peculiar, contendo pincel e cola para selar o envelope. O que está lá dentro é um sussurro. Ao enviá-lo, cria-se a expectativa da entrega, da chegada ao destinatário. E quando esse mesmo movimento acontece do outro lado, coloco-me no lugar de espera. Até que, finalmente, uma pessoa vestindo roupa amarela bate palmas em frente à minha casa, equilibrando a bicicleta entre as pernas enquanto os cachorros latem furiosamente. Hermes, com sua bolsa transversal de couro marrom, ajeita os óculos e me entrega a mensagem. A ânsia e a imaginação que permeiam todo esse processo muitas vezes são mais intensas do que o próprio conteúdo escrito na carta.)

Dentre todos os trabalhos do *Autorretrato Infamiliar*, o que mais me sensibiliza é o *Carta à minha mãe*. Ao longo de um ano foram escritos mais de cem poemas para essa série. Fiquei surpresa, só tomei consciência da quantidade recentemente, ao organizar o material para a inscrição em um edital de literatura.

Fico pensando qual é o verdadeiro significado dessas cartas que escrevo para minha mãe. Em termos práticos, a metodologia de escrita difere muito do ritual mencionado anteriormente. Talvez essas cartas-poemas simbolizem nossa relação e não sejam direcionadas a alguém em particular. Elas não são sussurros, são gritos.

Elas são íntimas e ao mesmo tempo públicas. São o oposto de uma carta em um envelope. São poemas elaborados para uma mãe que me desejou, mas permitiu que eu partisse. Uma mãe que me amava, mas não me protegeu da violência. Aquela que me deu asas, mas não me permite voar para longe dela. Nessa ambiguidade de mãe, respondo com a ambiguidade de filha. Uma filha que ama e odeia simultaneamente, que se

compadece e que não suporta, que deseja cuidar, mas teme vivenciar a falência do corpo materno. Que perdoa, mas não esquece. (Série.05: Autorretrato Infamiliar: Ensaio I)

Guardo comigo uma memória ritualística das cartas, das conversas em silêncio. E para mim, a escrita da dissertação evocou essa mesma atmosfera de confidencialidade, de entrega e carinho.

...

No dia 28/12 sentei para fazer crochê e resolvi escutar outro curso. De repente, algo inusitado aconteceu e me despertou o desejo de escrever sobre aquilo. Comecei o texto anotando a data no topo da página e à medida que a escrita fluía buscava estabelecer relações com meus trabalhos ou com relatos biográficos, memórias que considero importantes no meu processo artístico.

Essa coisa de sentar, anotar a data e começar a relatar o dia foi se tornando algo habitual. Sem questionar, eu apenas seguia os impulsos de escrita. Em 01/01/2023, eu estava sozinha em casa. Minha mãe havia ido para a casa da minha nona, mas como todos lá estavam com COVID preferi não ir. Eu precisava cuidar da minha saúde, queria estar preparada para a cirurgia.

Naquele primeiro dia do ano recebi uma triste mensagem de um amigo. Suas palavras indicavam um desejo de pôr fim à própria vida. Esse episódio trouxe à tona lembranças dolorosas do suicídio do meu tio, quando eu tinha 13 anos.

A morte do meu tio foi um grande trauma para mim. Ele passou a noite na minha casa e na manhã seguinte quando nos despedimos, me disse que sumiria. Entendi na hora o que ele estava dizendo, mas não consegui fazer algo para impedir. Naquela época minha mãe não tinha dinheiro para pagar um táxi, não tínhamos como ir até a casa dele. Então falamos para as pessoas da nossa família, mas todos me criticaram. Disseram que meu tio sempre falava aquilo, que eu era boba e que não deveria levar a sério, insinuando que eu estava apenas desperdiçando o tempo deles.

O relato que escrevi nesse dia 01 evidenciou para mim como o tema do suicídio tem uma presença significativa na minha vida e por consequência, na minha produção artística. Reconheço a sensibilidade e a complexidade desse assunto, sendo uma questão de saúde pública de extrema importância e urgência. Decidi não manter aquele relato, pois estava carregado de uma visão muito pessoal que precisa ser analisada com mais cautela.

Devido à influência do tema do suicídio em minha vida e em minha pesquisa, optei por fazer uma breve reflexão a respeito. Esse apontamento encontra-se em um dia

no qual não segui o meu padrão usual da escrita. Após realizar algumas edições no texto, percebi que seria pertinente adicionar um dia entre as narrativas dos dias 28/12 e 03/01.

Outro registro que suprimí aconteceu na véspera da minha miomectomia, nele eu expressava a angústia e o ressentimento que me assolavam por eu não ter uma pessoa amiga que pudesse me acompanhar no hospital.

Naquele momento, a iminência da cirurgia tornava tudo muito inflamado. No entanto, posso afirmar que a cirurgia foi uma experiência horrível. Sofri intensamente, sentindo muita dor e ficando extremamente debilitada, vulnerável tanto física quanto emocionalmente.

A recuperação foi lenta e ainda teve a operação do joelho. Eu tomava banho sentada, tarefas simples como passar o rodo no banheiro eram impossíveis. Por muitos dias dormi em uma única posição, ao virar de lado na cama sentia meus órgãos se deslocando. A minha barriga ainda dói.

Relendo o texto escrito naquela ocasião, percebo que o sofrimento antecipado, baseado na imaginação, foi superado pelo sofrimento real e o relato parece uma choradeira, um lugar de lamento no qual não quero me colocar.

Minha intenção com a dissertação era propor uma narrativa interessante para abordar o processo de construção do projeto *Autorretrato Infamiliar*, bem como, situar a prática artística na minha vida e elaborar algumas reflexões. Queria, de algum modo, transformar o próprio texto em um trabalho artístico.

Pensei na estrutura do trabalho dividida nos sete dias da semana. No primeiro dia descrevo o início do projeto. No segundo abordo de forma mais aprofundada as cartas poemas, uma série essencial dentro do meu trabalho. No terceiro dia proponho uma reflexão filosófica sobre os conceitos norteadores da minha produção artística. O quarto dia se apresenta como uma espécie de descrição prática do que foi teorizado no dia anterior, pois falo sobre como minha mãe passou por uma ressignificação da vida através da arte. Na verdade, ela, eu e nosso relacionamento fomos transformados por esse projeto e é disso que o texto busca tratar. No quinto dia atualizo o trabalho e faço alguns arremates, um tipo de posfácio. O sexto dia é reservado para alguns paralelos com outras obras artísticas. Por fim, no sétimo dia é apresentado o livro de artista.

É importante frisar que o texto foi pensado como obra em seu estilo de escrita, mas a materialidade da dissertação não foi uma preocupação central para mim, principalmente devido à necessidade de entregá-la em formato digital.

No decorrer do texto fiz algumas escolhas estéticas a fim de enfatizar e expressar certos elementos. Usei cores diferentes em cada dia para demarcar as datas, destacar diálogos, ou frases de efeito. Também inseri frases entre parênteses para transmitir reflexões ou comentários. Além disso, empreguei reticências para indicar que o próximo parágrafo não possuía uma relação direta com o anterior.

...

Retomando agora o assunto do fotolivro, a intenção inicial era criar um único volume, mas percebi que nem todos os ensaios se encaixavam nesse formato de álbum. Alguns pareciam mais adequados para serem expostos na parede ou em outros tipos de suporte. Com a seleção para a residência artística, decidi deixar esse projeto de lado e focar na criação do fotolivro que propus na inscrição do edital do Fórum de Fotoperformance.

A série que fiz com minha mãe em 2021, na qual preparamos e consumimos uma morcilha com meu próprio sangue, me deu a ideia de fazer outros pratos. A partir disso, escrevi o projeto para a residência me propondo a criar um livro com dez receitas.

“Neste projeto, a cozinha é o lugar desde onde serão abordadas questões tabus e políticas. Lançando mão do humor, minha mãe e eu performaremos para a câmera durante a preparação de receitas caseiras”.

Além de morcilha e coquetel Molotov (ensaios que já estavam prontos), o livro contaria com a preparação das seguintes receitas:

Chá abortivo, limonada com cogumelos mágicos, gelatina com cachaça, cueca virada, bolo cu, gemada afrodisíaca, testículos e unguento com a Erva do Diabo (historicamente a planta *Datura* está associada às bruxas, que faziam unguento com essa planta e o esfregavam na vagina para ter a sensação de voar em suas vassouras).

Separei as receitas entre duas categorias: aquelas que seriam escritas por extenso nas páginas do livro e aquelas que seriam tratadas como segredos de família, transmitidos entre gerações. Para essas últimas, como o chá abortivo, o suco alucinógeno e a feitura de bombas caseiras, as instruções estariam desenhadas na parede, sendo incluídas na fotografia.

Durante as duas primeiras semanas da residência os encontros foram online. Nesse período trabalhei em casa fotografando os oito ensaios com a minha mãe. Depois de concluída essa etapa, iniciei a jornada para a fase presencial.

Sob efeito do anticoagulante, embarquei (com as minhas duas muletas e alguns cremes de arnica) em uma sequência de ônibus, começando por Coronel Vivida até Pato

Branco e seguindo para Xanxerê. De lá, fui até Chapecó onde embarquei em um voo com destino a Campinas. Chegando em Campinas, fiz uma conexão e voei para Belo Horizonte.

Na fase presencial, a primeira tarefa que enfrentei foi a edição e curadoria das fotografias. Uma das ideias que tive foi a inclusão de desenhos entre os ensaios, que repetissem ou enfatizassem algum elemento da receita. Esses desenhos seriam uma forma de complementar visualmente o livro, suavizando a transição entre o papel com a receita manuscrita e a fotografia. Pensei ainda em explorar diferentes texturas e gramaturas de papel para criar uma experiência tátil no folhear as páginas.

Os livros tradicionais de receita são comumente associados à culinária e a alimentação, mas o meu objetivo era transcender essa familiaridade e explorar novos significados. Cada ensaio foi pensado para propor uma experiência sensorial que convidasse o leitor a explorar não apenas as receitas, mas também as formas artísticas que as acompanham.

Assim, incorporei elementos visuais e materiais que reforçassem as temáticas e sensações evocadas por cada prato. Por exemplo, a receita de morcilha é acompanhada por uma monotipia feita com o meu sangue. Na receita de gelatina com cachaça a impressão em acetato transparente faz com que a sobreposição das imagens enfatize a sensação de embriagues.

Pedaços de ervas abortivas foram coladas nas páginas junto à receita do chá, liberando os aromas conforme o livro é manuseado. Na receita de testículos, adotei uma abordagem simbólica ao incluir um desenho do sistema reprodutor masculino, retirado de um livro de anatomia humana. No caso do coquetel Molotov, imprimi as fotografias em um papel reciclado, que devido à sua textura reforçou o aspecto de fuligem e fumaça, remetendo ao contexto explosivo e incendiário do ensaio.

Quanto à receita com cogumelos mágicos, explorei a edição das fotografias exagerando na saturação para sugerir a sensação de experiência psicodélica. O desenho botânico da *Datura Metel* foi incorporado à receita do unguento. Para a receita de cueca virada, trabalhei uma incisão numa página aludindo à vagina, também incluí desenhos que ilustram a manipulação da massa, gradualmente transformando-se em representações de vulvas. Na receita de gemada pensei em trabalhar uma página com corte a laser simulando uma toalha de crochê, estabelecendo assim um diálogo com as peças de crochê presentes no livro.

Por fim, para a capa escolhi uma fotografia do *Ensaio II* do *Autorretrato Infamiliar*, na qual minha mãe e eu estamos postas à mesa comendo fogo. Considero que essa imagem captura a essência do projeto, transmitindo a ideia de transformação e provocação presentes nas receitas infamiliars. Na quarta capa uma fotografia muito semelhante, sem nós duas e sem o fogo, está colocada de cabeça para baixo.

A encadernação escolhida é do tipo wire-o, que remete aos cadernos tradicionais de receitas. É uma opção que traz familiaridade e praticidade no manuseio das páginas permitindo que sejam viradas facilmente, facilitando a consulta das receitas durante o preparo dos pratos.

Fiz duas impressões em uma gráfica rápida em Belo Horizonte e ao retornar para casa continuei fazendo pequenas modificações. Minha mãe e eu fizemos juntas uma capa de crochê para guarda-lo. Contudo, não considero que o livro esteja completamente finalizado. Talvez ele esteja naquela fase de maturação e precise de mais tempo e dedicação para atingir sua forma final.

Deste modo, a ideia inicial de criar um fotolivro englobando todos os ensaios do projeto *Autorretrato Infamiliar*, deu lugar a um livro-objeto composto por uma única série, o qual foi intitulado *Receita de Família*. E minha dissertação, por sua vez, se converteu nesse único volume, um texto obra que pode parecer um tanto bagunçado, mas que certamente é muito sincero.

Agradeço!

Série 05 – Autorretrato Infamiliar: Ensaio I







08/06/2023 – Sábado

Aproximações

No início do projeto *Autorretrato Infamiliar* eu era muito instigada pelas mitologias grega e a cristã (Figura 03 e 04), associava passagens bíblicas a questões culturais e pessoais. Por exemplo, a história de Sansão e Dalila me levava a refletir sobre a maneira como os cabelos estão ligados ao ideal de beleza em nossa sociedade e como estar dentro ou fora desses padrões pode fortalecer ou enfraquecer uma mulher. Me remetia também a um episódio no hospital, quando vi a minha mãe prestes a passar por uma cirurgia, desesperada, implorando para que não raspassem completamente sua cabeça. Essas reflexões e lembranças me levaram a criar uma imagem que não é exatamente a ilustração de uma história, mas uma síntese do que eu estava pensando e sentindo (Figura 05).



Figura 03 – *Caronte*. Dariane Martíol. Fotografia. 2021. Fonte: Acervo da artista.



Figura 04 – *Espérides*. Dariane Martíol. Fotografia. 2021. Fonte: Acervo da artista.



Figura 05 – s/ título. Dariane Martíol. Fotografia. 2021. Fonte: Acervo da artista.

A pintura, sobretudo o estilo barroco, com sua dramaticidade, intensidade emocional e o jogo de luz e sombra, exercia grande influência na forma como eu pensava e criava minhas composições fotográficas. A partir de histórias como a de Judite e Holofernes e a de Salomé e João Batista, representadas em pinturas tanto de Caravaggio (Figura 06) quanto de Artemisia Gentileschi (Figura 07), o tema da decapitação despertou o meu interesse (Figura 08 e 09). Esses artistas se tornaram referências para mim não apenas na seleção de assuntos, mas também na busca por criar imagens que capturam a tensão, o poder e a vulnerabilidade.



Figura 06 – *Judite e Holofernes*. Caravaggio. Pintura. Sec. XVII. Fonte: Galeria Nacional de Arte Antiga. Disponível em: <https://www.barberinicorsini.org/artwork/?id=WE4904>.



Figura 07 – *Salomé com a cabeça de São João Batista*. Artemisia Gentileschi. Pintura. Sec. XVII. Fonte: Museu de Belas-Artes de Budapeste. Disponível em: https://41.media.tumblr.com/76a29ace8f88f1b4067a7bba6275f601/tumblrnlgtc1Jnia1u4tavto1_



Figura 08 e 09 – s/ título. Dariane Martiól. Fotografia. 2022. Fonte: Acervo da artista.

Outra pintura relevante neste ensaio foi um autorretrato de Gustave Courbet (Figura 10), que influenciou a maneira como a minha mãe posicionou as mãos em uma fotografia (Figura 11). Nessa imagem, estamos lado a lado, seguindo o estilo clássico dos quadros religiosos do Sagrado Coração de Jesus e de Maria (Figura 12).



Figura 10 – *O Homem desesperado*. Gustave Courbet. Pintura. 1844-1845. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/desespero-ou-autorretrato-gustave-courbet/>



Figura 11 – s/ título. Dariane Martiól. Fotografia. 2021. Fonte: Acervo da artista.



Figura 12 – *Sagrado coração de Jesus e de Maria*. Autor: desconhecido. Disponível em: <https://www.oimaculadocoracaotriunfara.com.br>

Os meus trabalhos anteriores, desenvolvidos durante a graduação em pintura, investigavam o bordado e suas materialidades. Eu bordava e costurava em diferentes suportes, incluindo telas nas quais eu fazia cortes e depois remendava. Disso tive a ideia de fazer uma costura no meu próprio rosto (Figura 13). Preparei uma máscara de gelatina incolor e fotografei a minha mãe me costurando. Mais tarde, acabei refazendo esse trabalho em forma de videoperformance (Figura 14), inspirada pelo vídeo em que Leticia Parente escreve *Made In Brasil*, com agulha e linha na planta de seu pé (Figura 15).

Agora que a minha mãe já está mais acostumada com os fazeres artísticos, tenho considerado propor esse trabalho da costura como uma performance ao vivo, mas uma vez ela me disse que essa foi a foto mais dura de fazer, que além de ser difícil passar a agulha sem me machucar, ver o meu rosto costurado lhe causava repulsas.



Figura 13 – s/ título. Dariane Martíol. Fotografia. 2021. Fonte: Acervo da artista.



Figura 14 – *Costura*. Dariane Martíol. Frames de videoperformance 2022. Fonte: Acervo da artista.

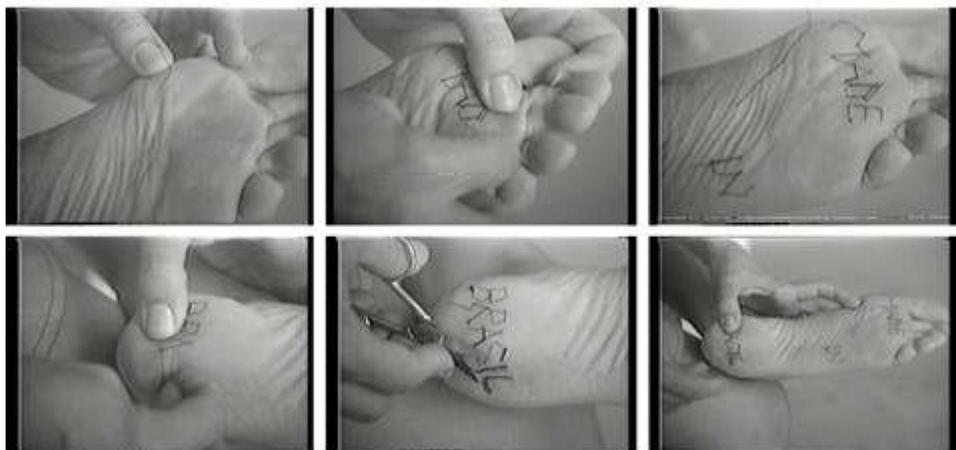


Figura 14 – *Marca Registrada*. Leticia Parente. Frames de vídeo 1975. Fonte: Acervo Instituto Itaú Cultura. Disponível em <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa216185/leticia-parente>

Das diferentes séries que integram o projeto *Autorretrato Infamiliar*, quatorze estão finalizadas e algumas seguem em desenvolvimento. Desde 2021, minha mãe e eu trabalhamos em uma série contínua na qual fazemos fotografias com todos os filhotes que aparecem aqui em casa. Como moramos no interior, é comum encontrarmos filhotes fragilizados, algumas vezes porque se perdem e outras porque são abandonados. Infelizmente, raramente eles sobrevivem. Então fazemos fotos com eles assim que os encontramos e também depois, quando já estão mortos.

Certa vez, na horta atrás da nossa casa, nos deparamos com um ninho de tico-tico que havia sido parasitado por uma sabiá (o casal de tico-tico faz o ninho e a sabiá substitui os ovos, deixando os dela para serem chocados). Ao descascarem os ovos, os filhotes foram cuidados pelos dois casais.

O problema foi que os passarinhos decidiram sair do ninho justo em meio a uma tempestade. Um deles foi pego por um gato, enquanto outro, tentando se esconder caiu em uma fossa. Consegui resgatar o terceiro filhote, a minha intenção era soltá-lo na manhã seguinte depois de passar a chuva, mas quando acordei ele já estava morto.

Nessa série ainda sem título, cada animal encontrado corresponde a um ensaio. Cada ensaio resulta em um tríptico onde minha mãe e eu interagimos com o filhote e o alimentamos, na terceira foto estou sozinha com o filhote morto (Figura 16).

Logo que iniciei essa série, descobri o mioma no meu útero e fui alertada sobre o risco de uma histerectomia. Foi aqui que comecei a unir as fotografias com frases poéticas, pois eu sentia uma forte melancolia sempre que um filhote morria nas minhas mãos.

O tríptico com o passarinho inevitavelmente é associado à obra *Por um fio*, de Anna Maria Maiolino (Figura 17). Embora essa artista seja uma referência importante

para mim, acredito que a conexão entre esses trabalhos não tenha sido tão intencional, mas sim resultado de diversos fatores coincidentes.

Por exemplo, eu já vinha explorando o tema da maternidade por diferentes maneiras, sempre envolvendo o corpo da minha mãe junto ao meu. O uso do barbante foi uma escolha natural, pois era um elemento presente em outros trabalhos, já que a costura, o crochê e o bordado, ou seja, a linha e o fio, faziam parte das minhas composições artísticas.

Além disso, ter observado de perto a dinâmica das mães passarinho que se revezavam na alimentação dos filhotes, permitiu que por várias vezes no dia eu visse as minhocas sendo passadas de um bico para o outro. Portanto, foi a partir desses elementos e dessa vivência que surgiu a ideia da composição final do ensaio (Figura 18).



Figura 16 – s/ título. Dariane Martiól. Fotografia. 2021. Fonte: Acervo da artista.

Quando finjo amamentar, a vida seca.
Na infância, se eu brincasse de ser mamãe,
as bonecas se quebravam.
Talvez seja um caso de excesso de amor próprio.
Amor exclusivamente próprio.
No meu útero tudo se dissolve.
Não há espaço para dois no meu corpo.
Não posso me responsabilizar por vidas,
nem de brincadeira.



Figura 17 – *Por um fio*. Anna Maria Maiolino. Fotografia. 1976. Fonte: La Galleria Nazionale. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/por-um-fio-fotopoemacao-series-anna-maria-maiolino/LAH-gVc3-ahieA>.



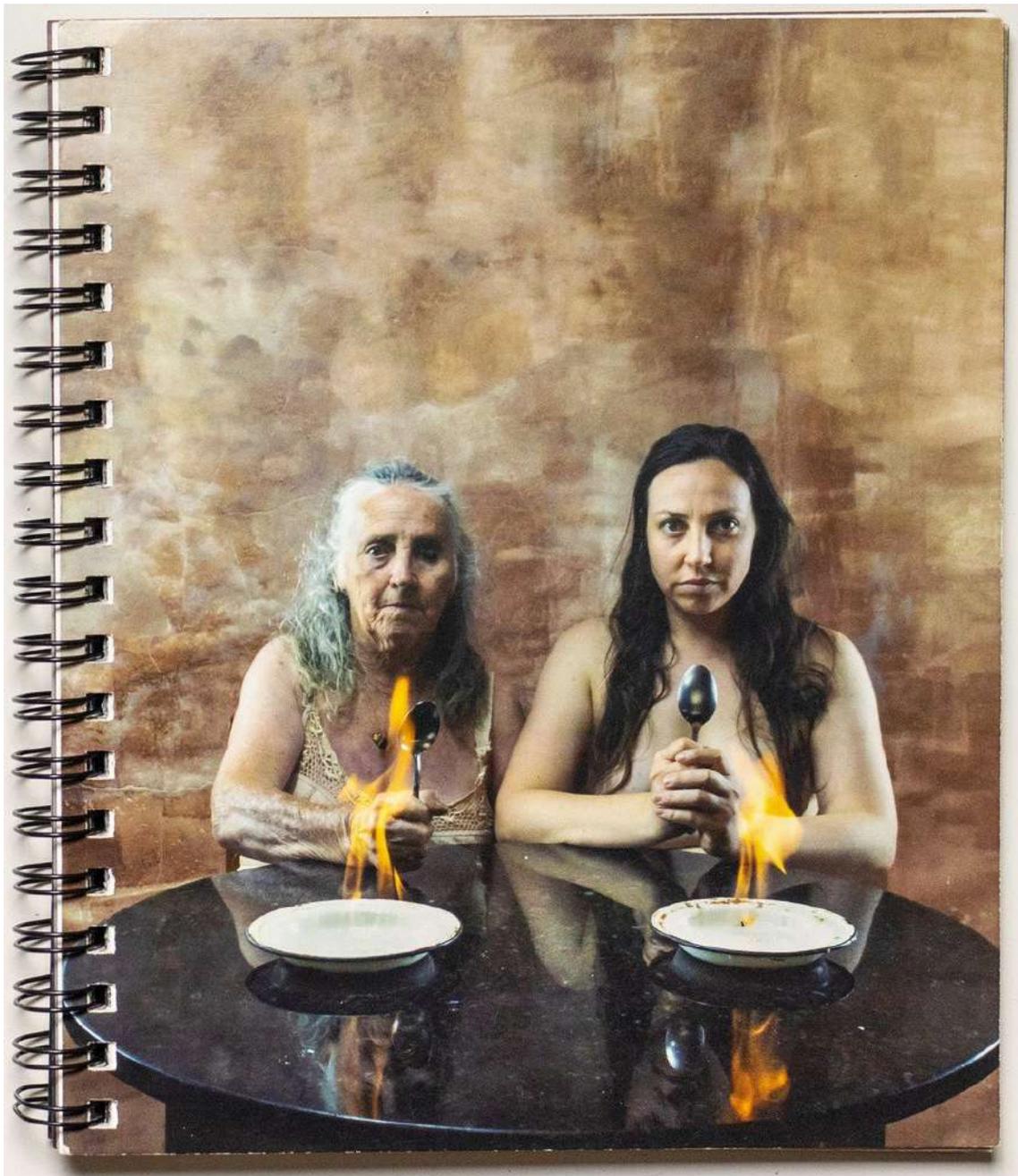
Figura 18 – s/ título. Dariane Martiól. Fotografia. 2022. Fonte: Acervo da artista.

Me pergunto se isso de aproximar ou distanciar os trabalhos é de fato importante para mim, me parece que não, mas acho que se não fosse relevante eu não teria dedicado alguns parágrafos a essas assimilações. Talvez, eu o tenha feito numa tentativa de atender às demandas acadêmicas. Nesse caso, me questiono também se não é um problema o modo como citei as obras e artistas, sem abordá-las de forma mais detalhada.

Optei por manter o foco no meu processo criativo, não estou apenas descrevendo trabalhos ou escrevendo sobre o desenvolvimento da pesquisa. Entendo essa dissertação como um trabalho artístico e desejo que ela seja também algum tipo de performance textual. Um lugar onde memórias e associações acontecem na medida em que a escrita se desenrola.

11/06/1988 – Domingo

Receita de Família



Receita de família



Índice

Panelho/Oburico

Coquetel Molotov

Bolo Simples

Jelotina de Laranja

Cuca Verde

Chá de Libertação

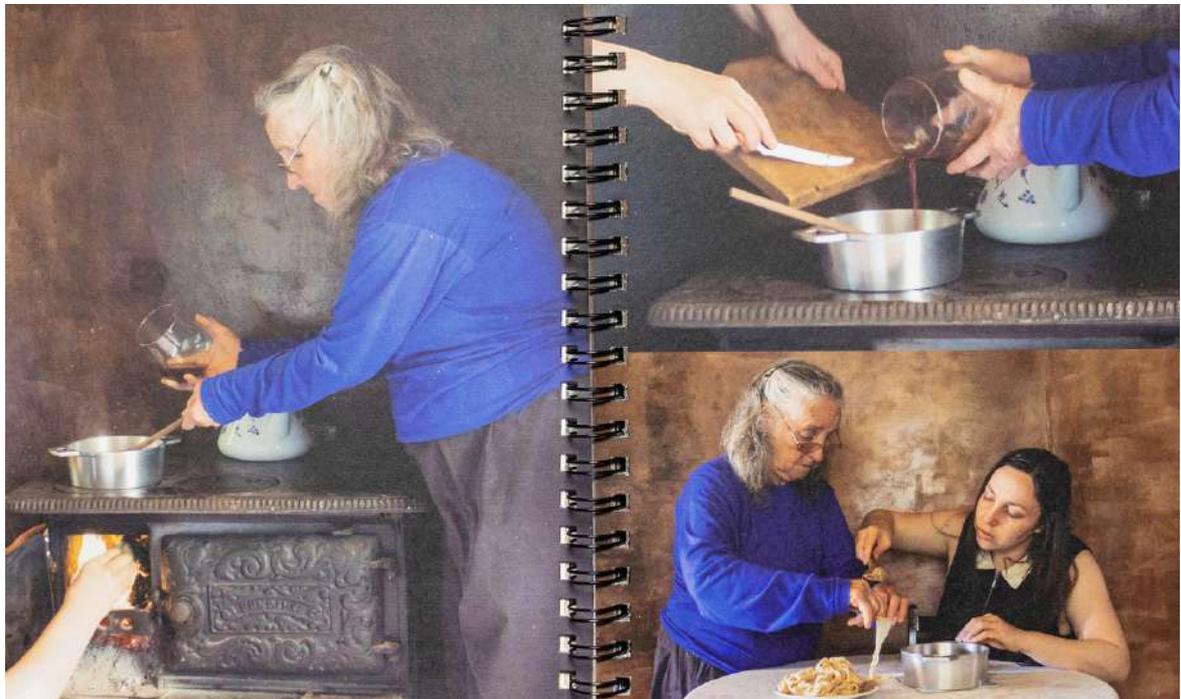
Suaveolada Rápida

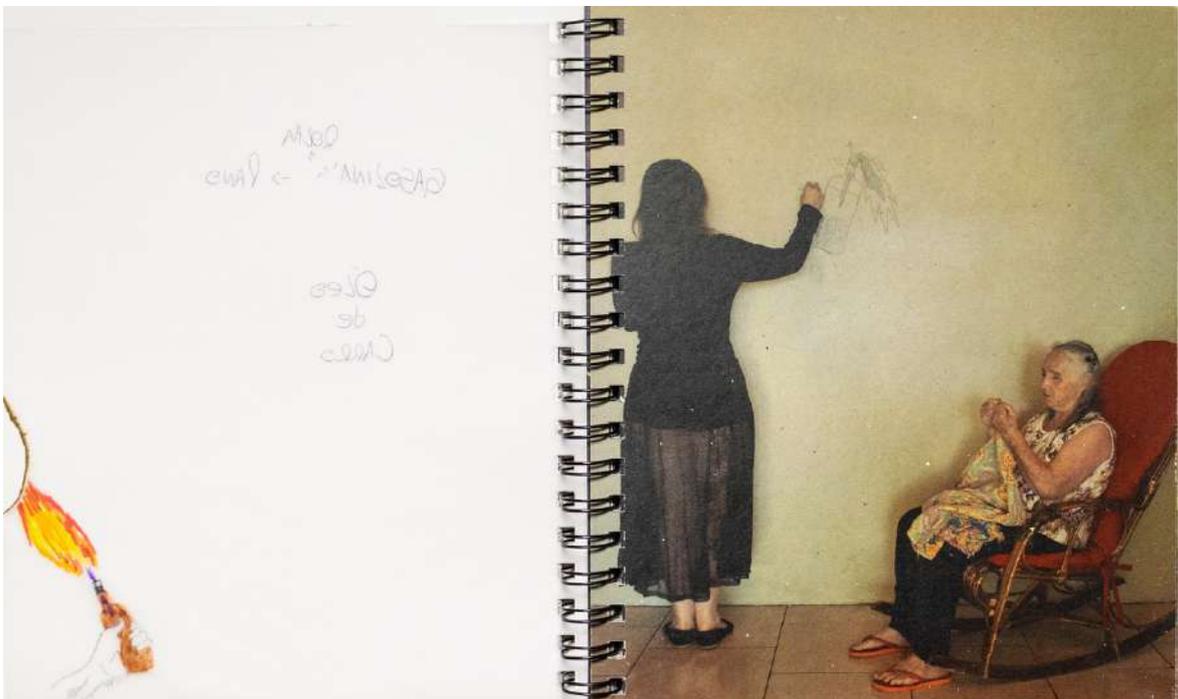
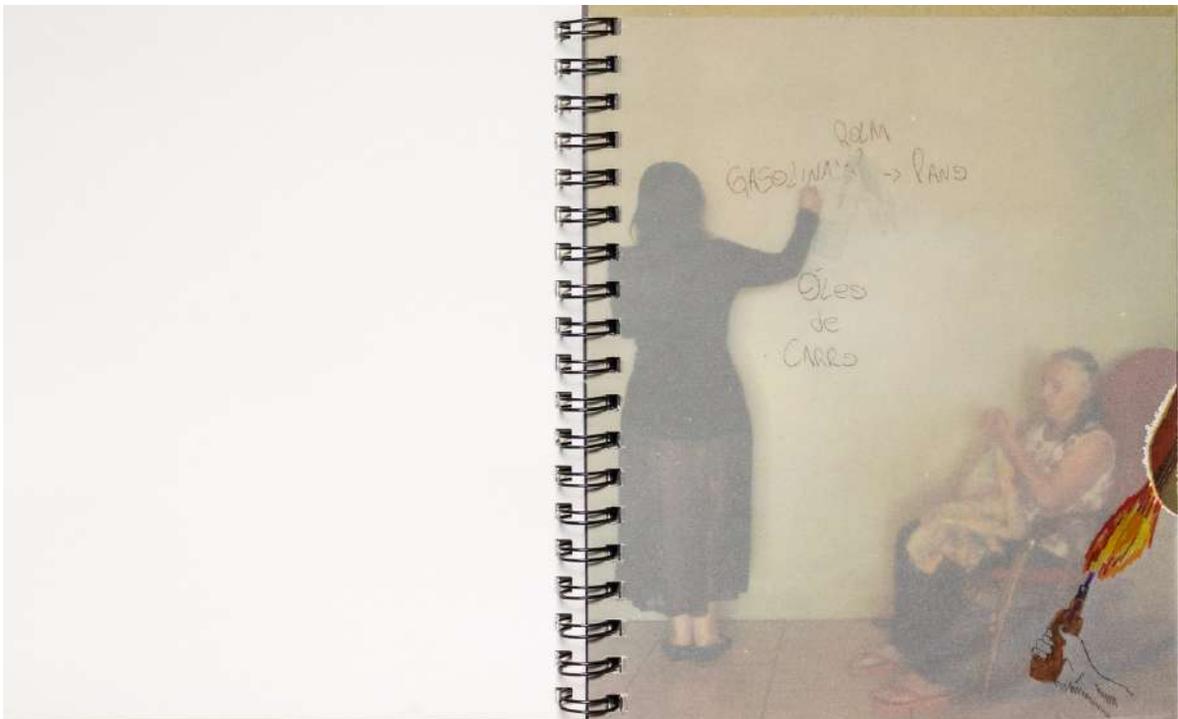
Jemada da Vovó

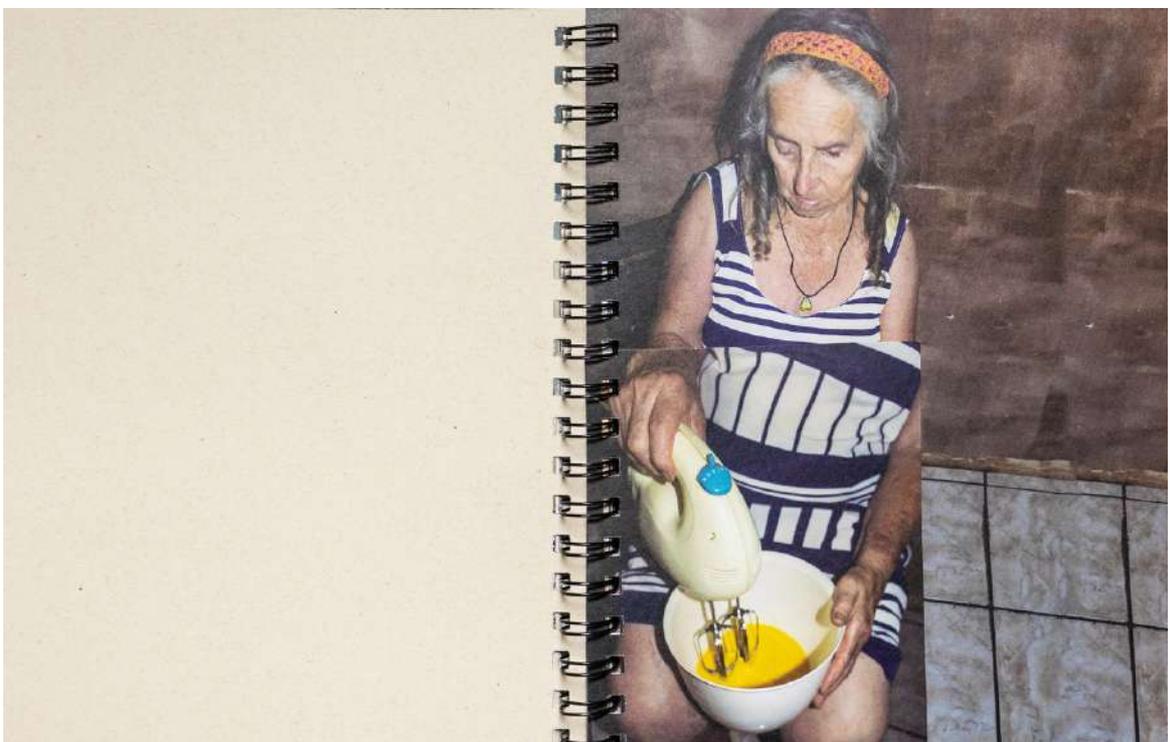
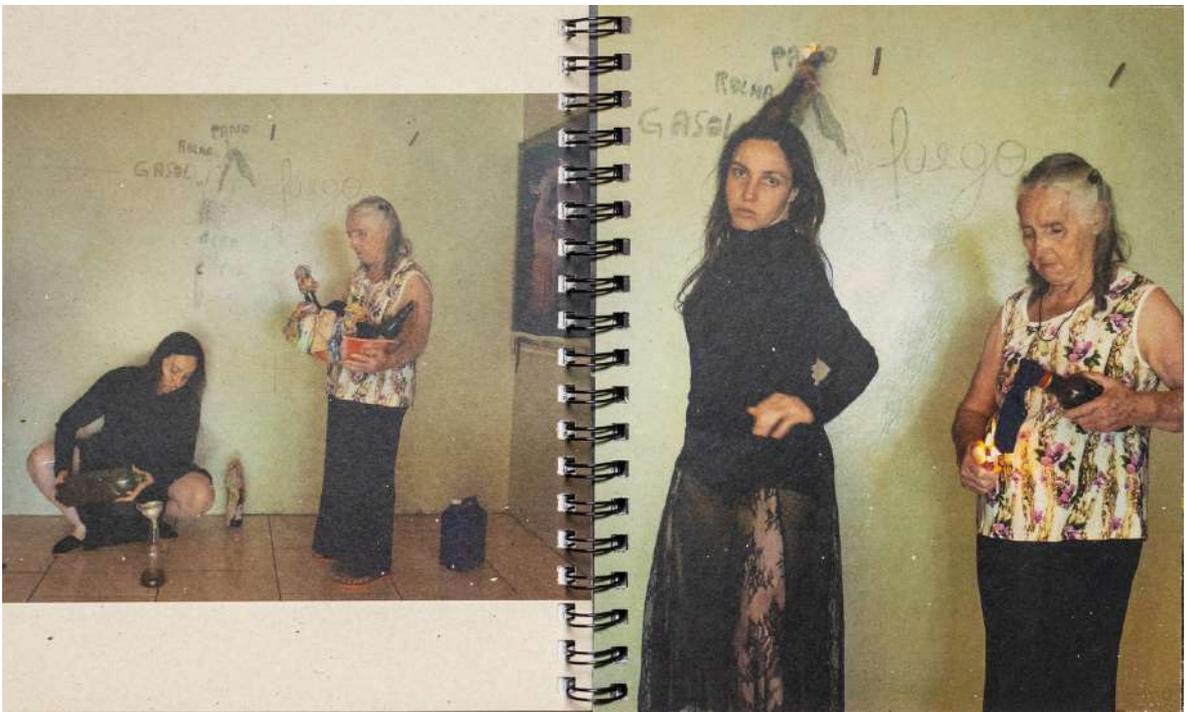
Unguento para Voz

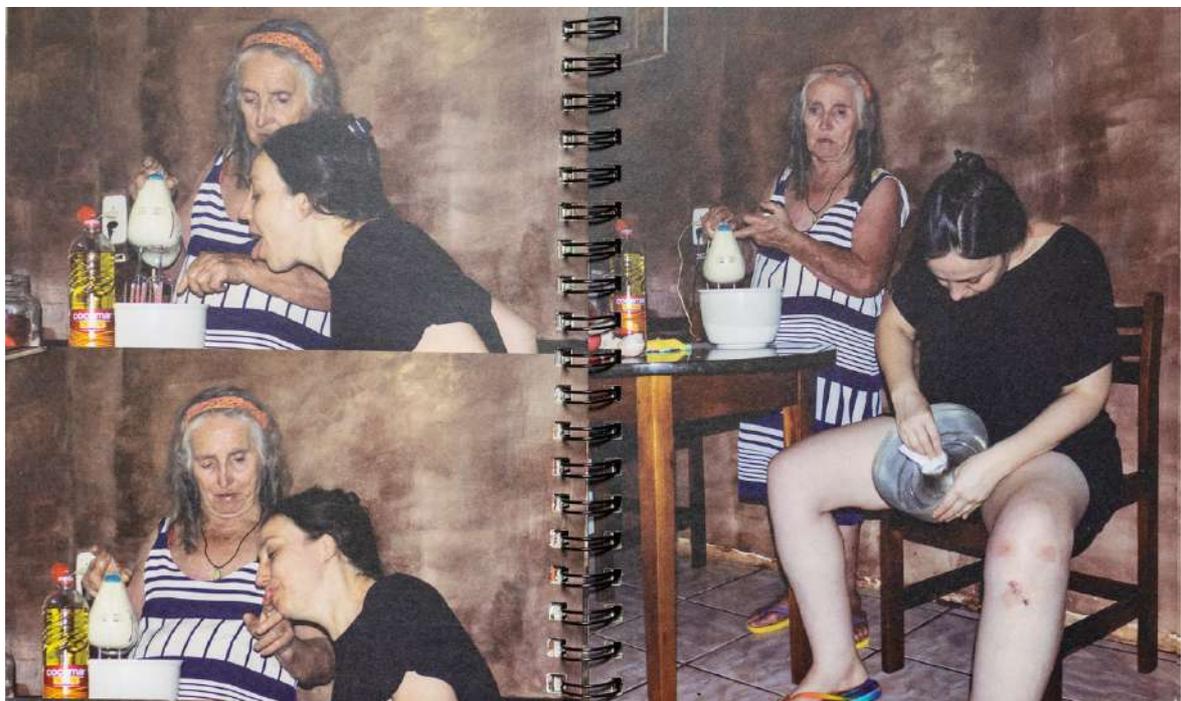
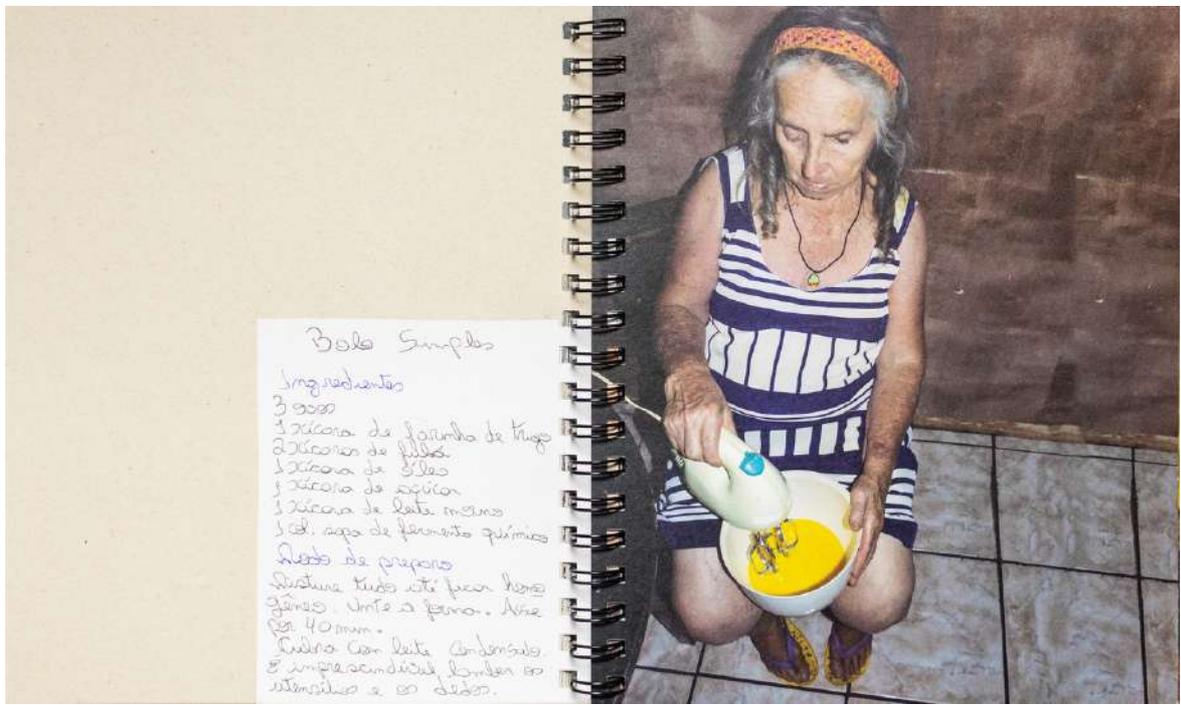
Testículos

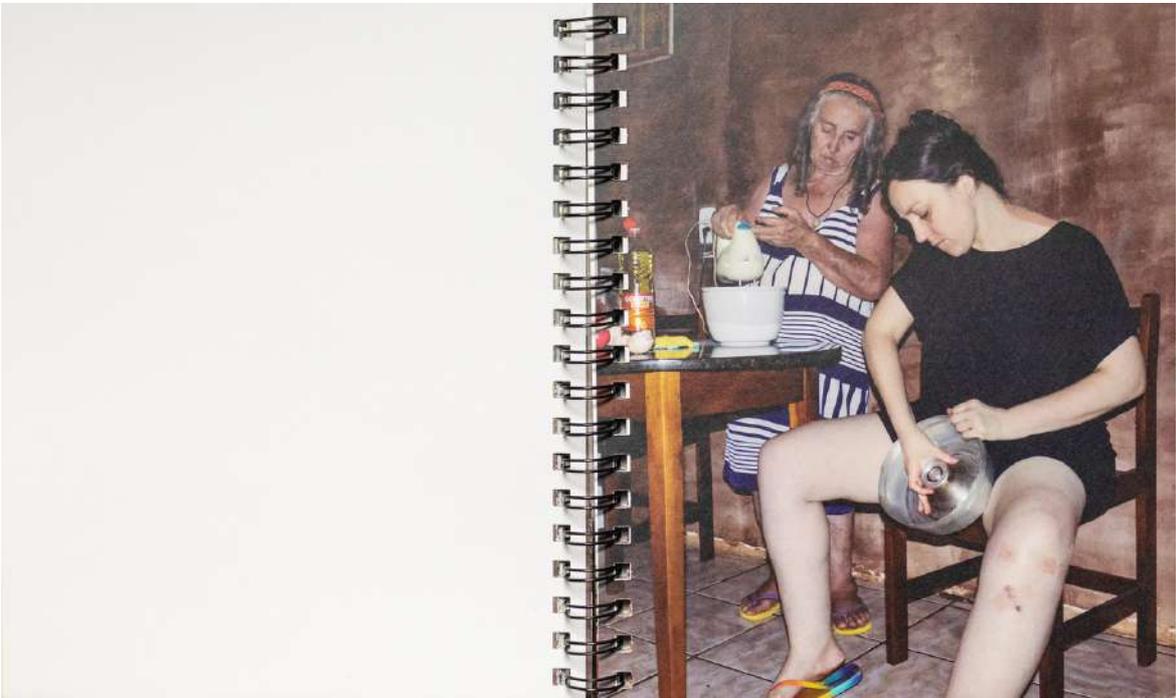




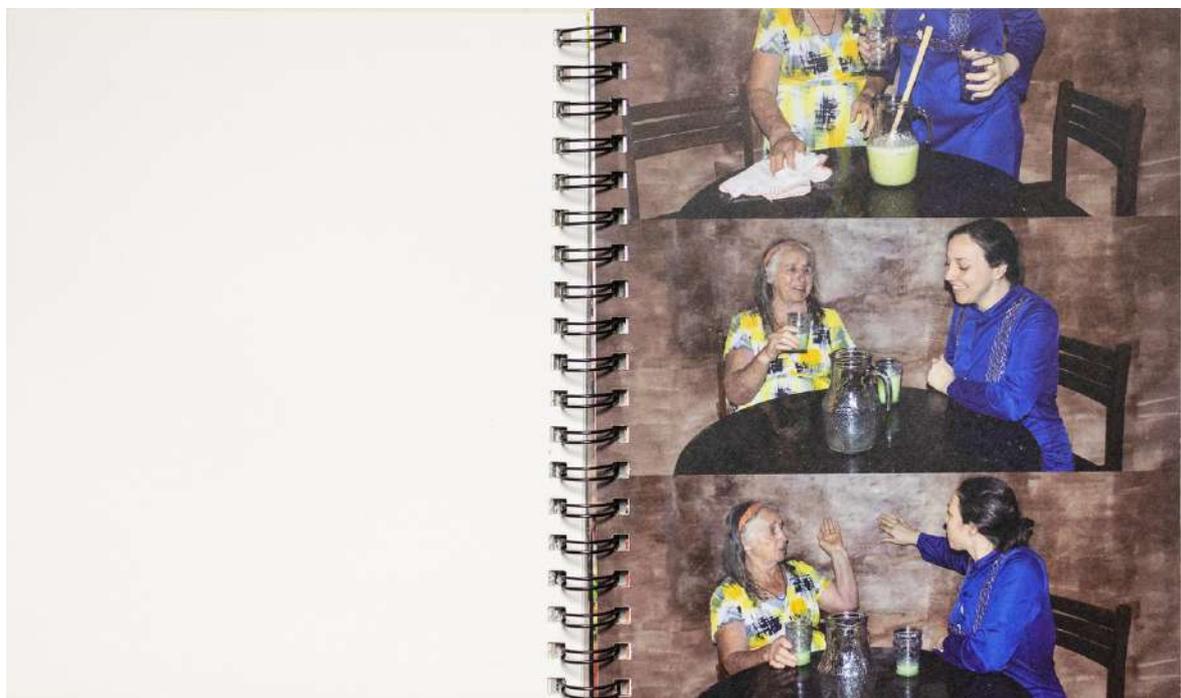
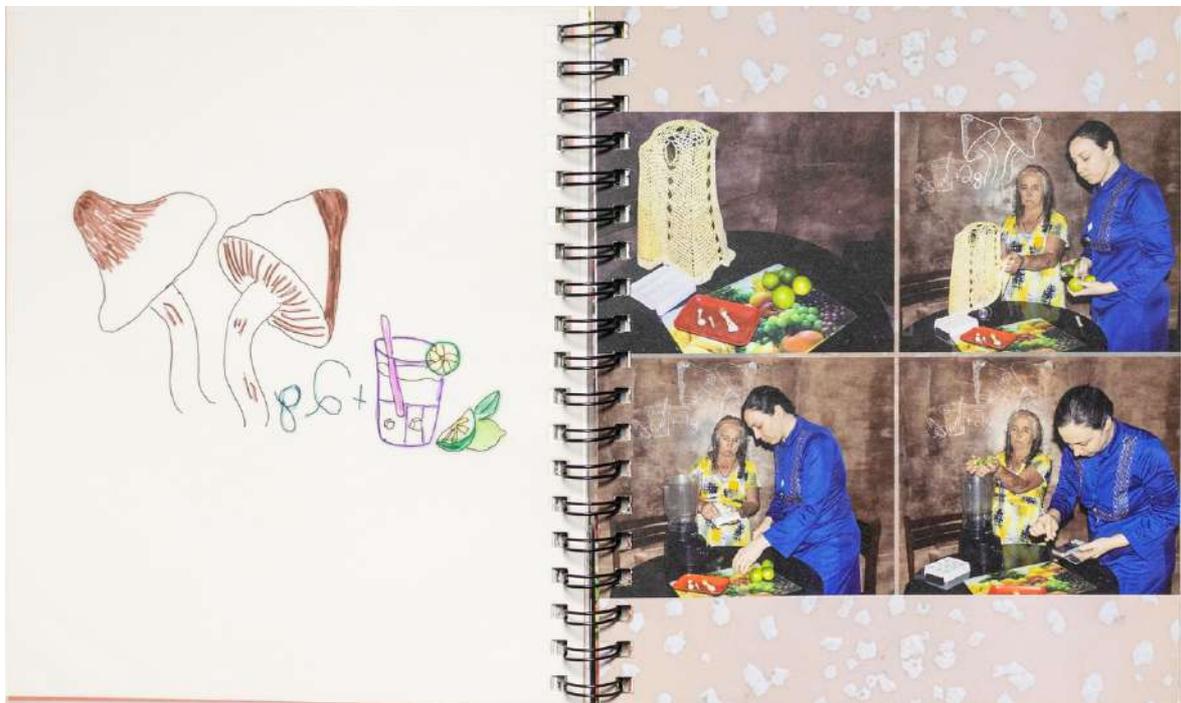


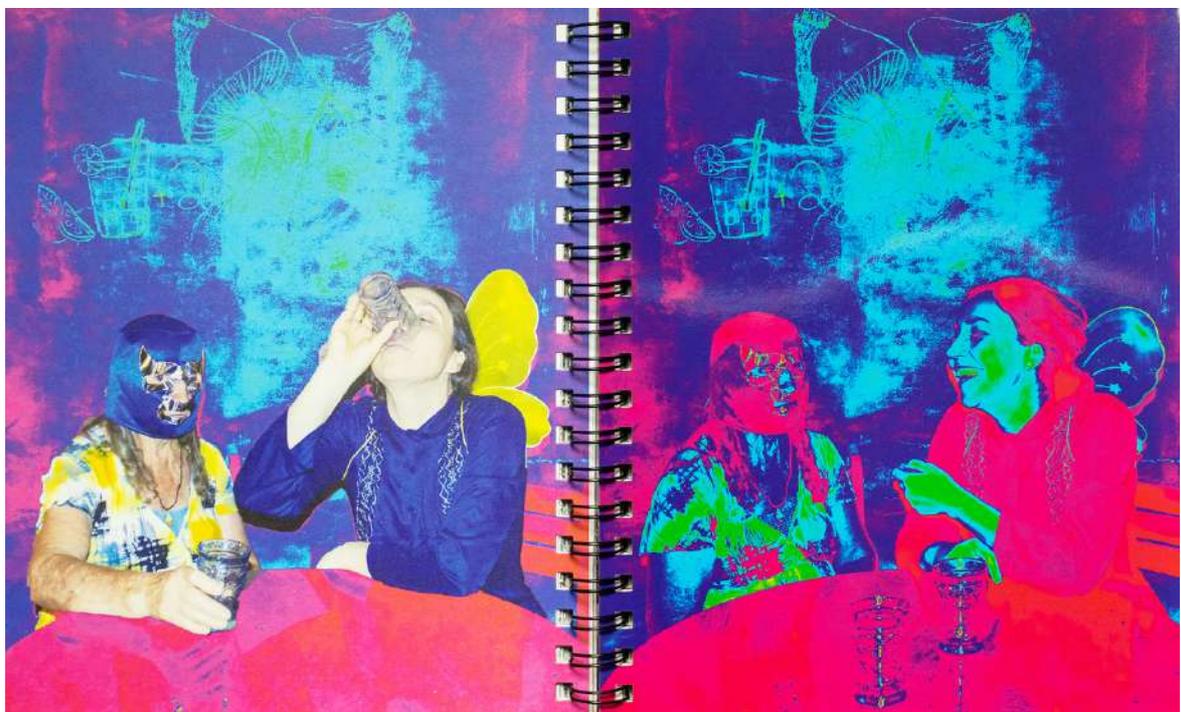












felstina de Cochaca

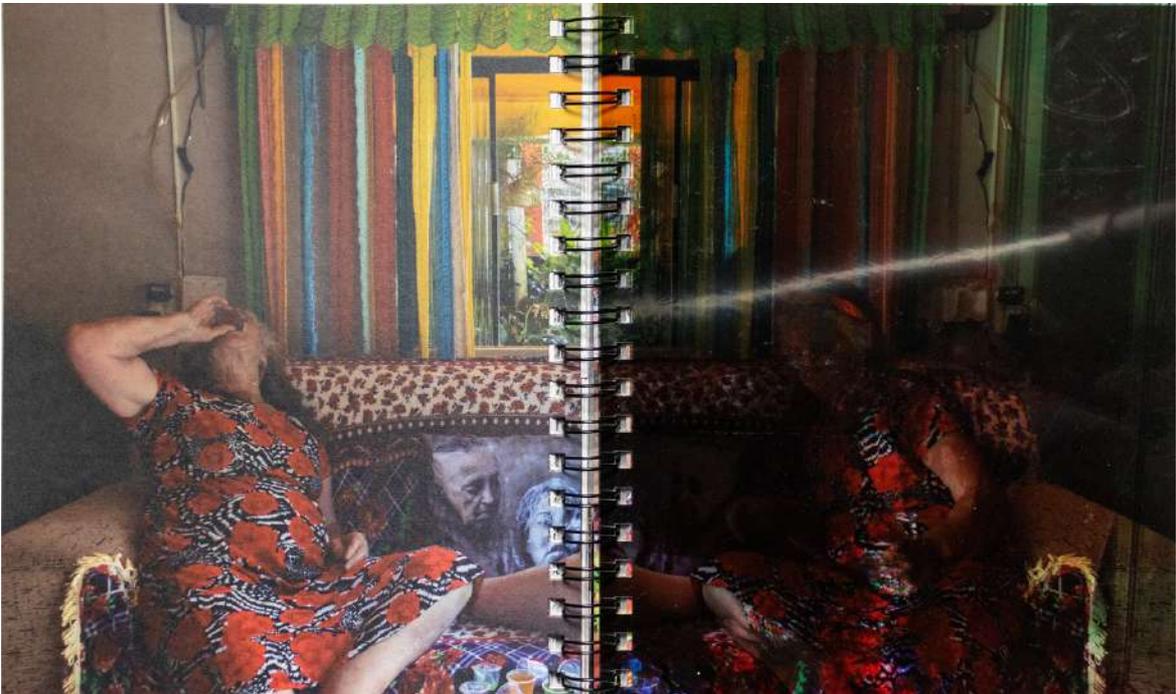
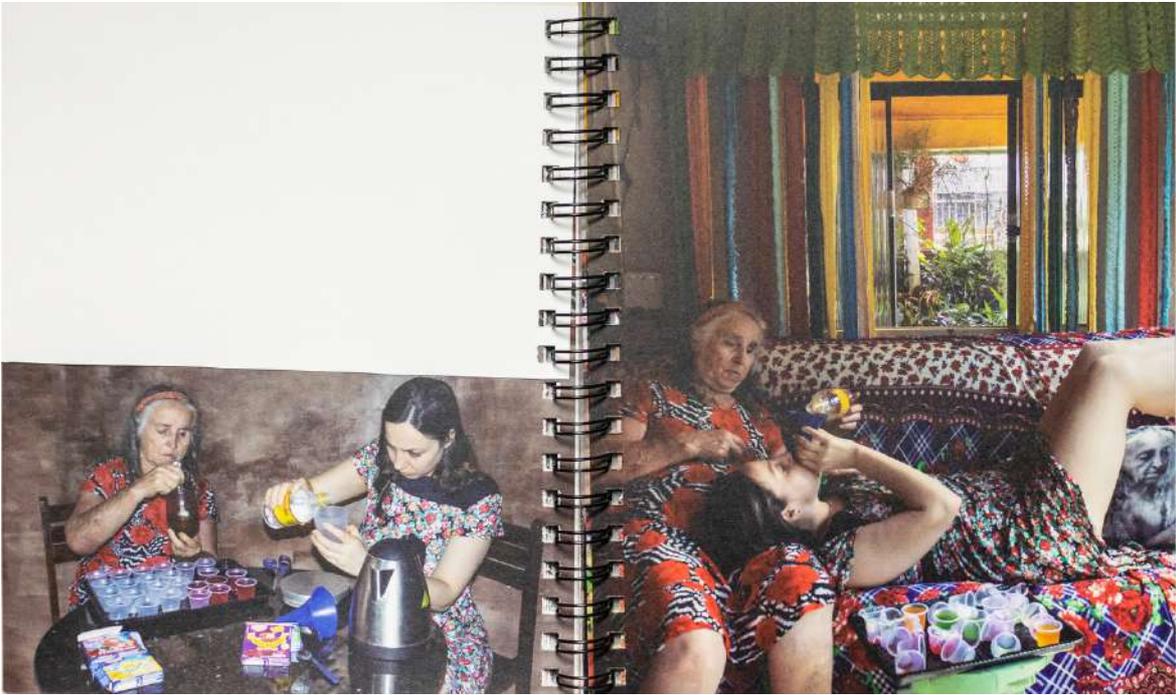
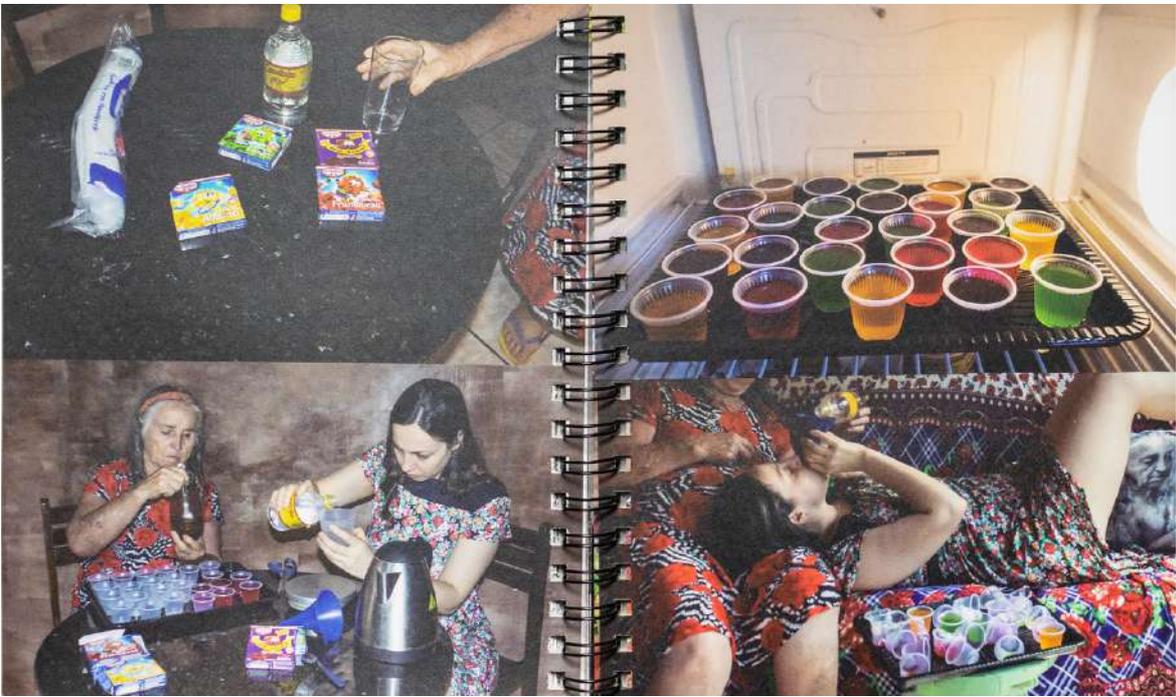
Ingredientes

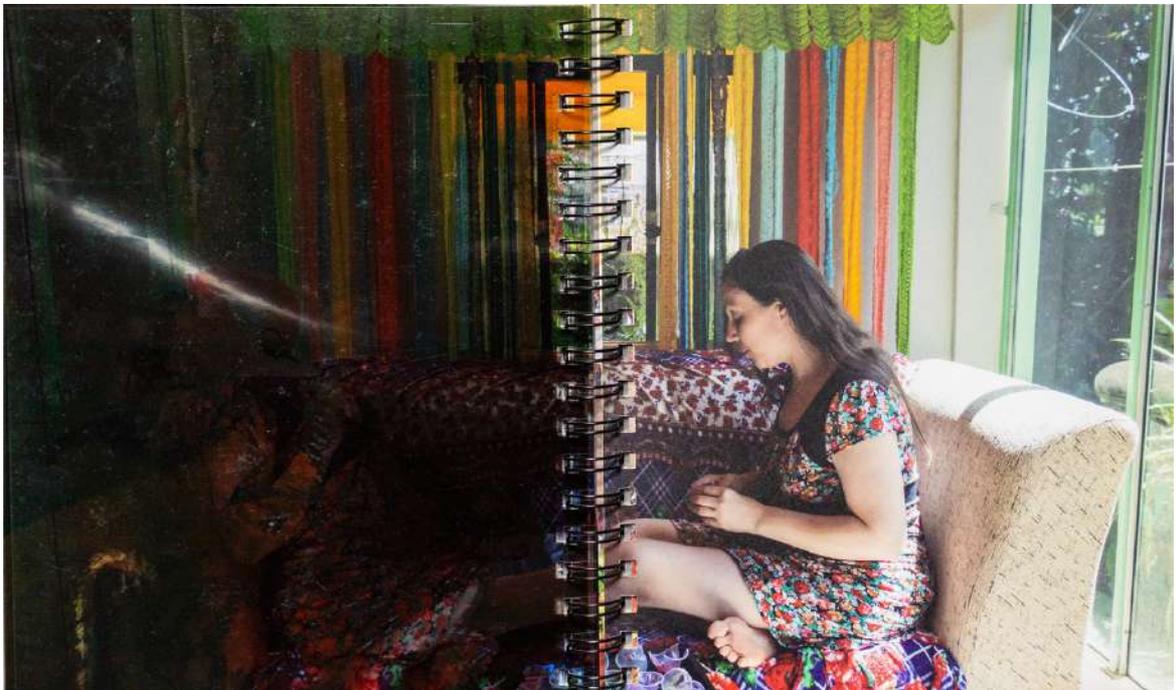
felstina
água mineral
Cochaca

modo de preparo

Siga o modo de preparo indicado na caixa de felstina (na verso) e substitua a água pela água mineral e Cochaca.







Casa Verde

Ingredientes

- 1/2 kg de farinha de trigo
- 1 xícara de chá de açúcar
- 1 Col. cap. de margarina
- 3 ovos
- 1 pitada de sal
- 50g de fermento fresco
- 100ml de leite morno
- Açúcar e Canela em pó (para polvilhar)

Modo de preparo

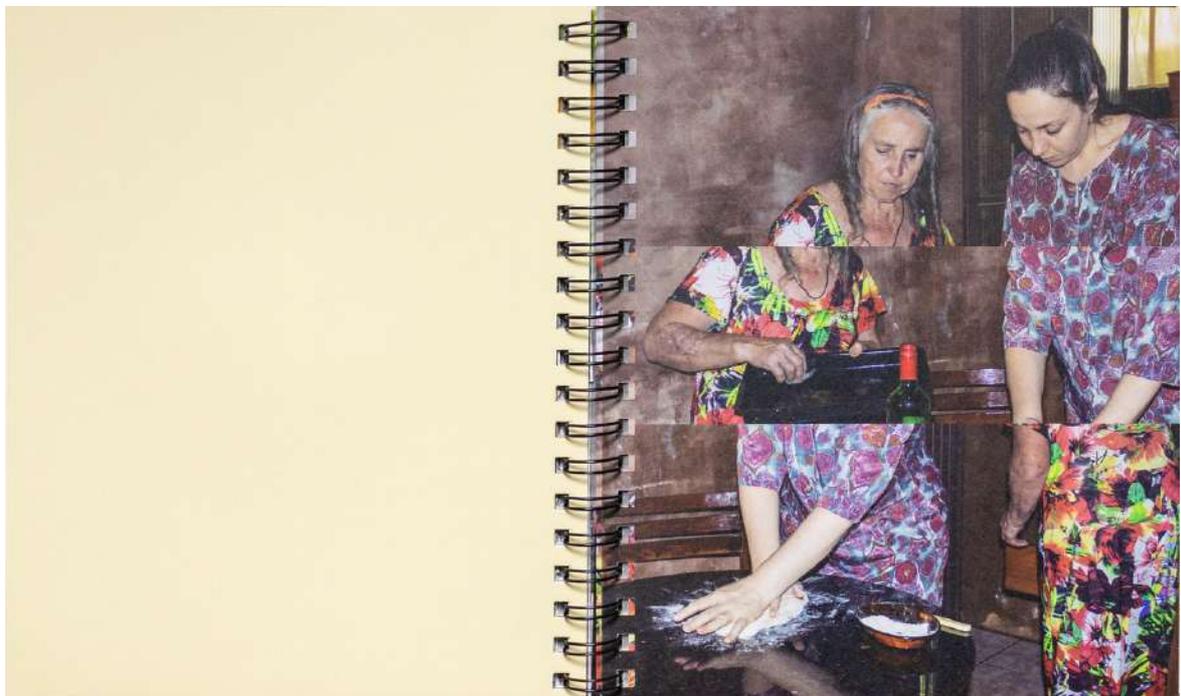
Misture tudo

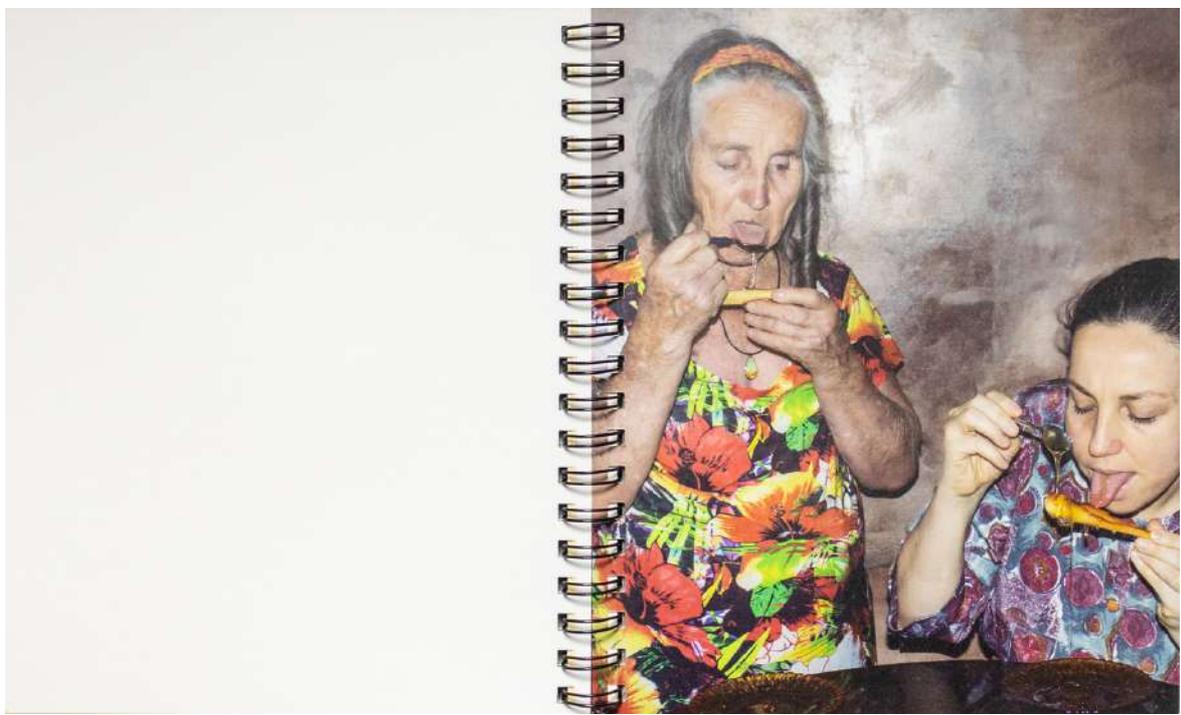
Deixe a massa descansar por 1h

300g

Corte

Leve por 30 min





Semola da Veroi

Ingredientes

2 gemas de ovo
2 colheres de sopa de açúcar
2 colheres de sopa de chocolate em pó
1/2 xícara de leite quente
Canela em pó, a gosto

Modo de preparo

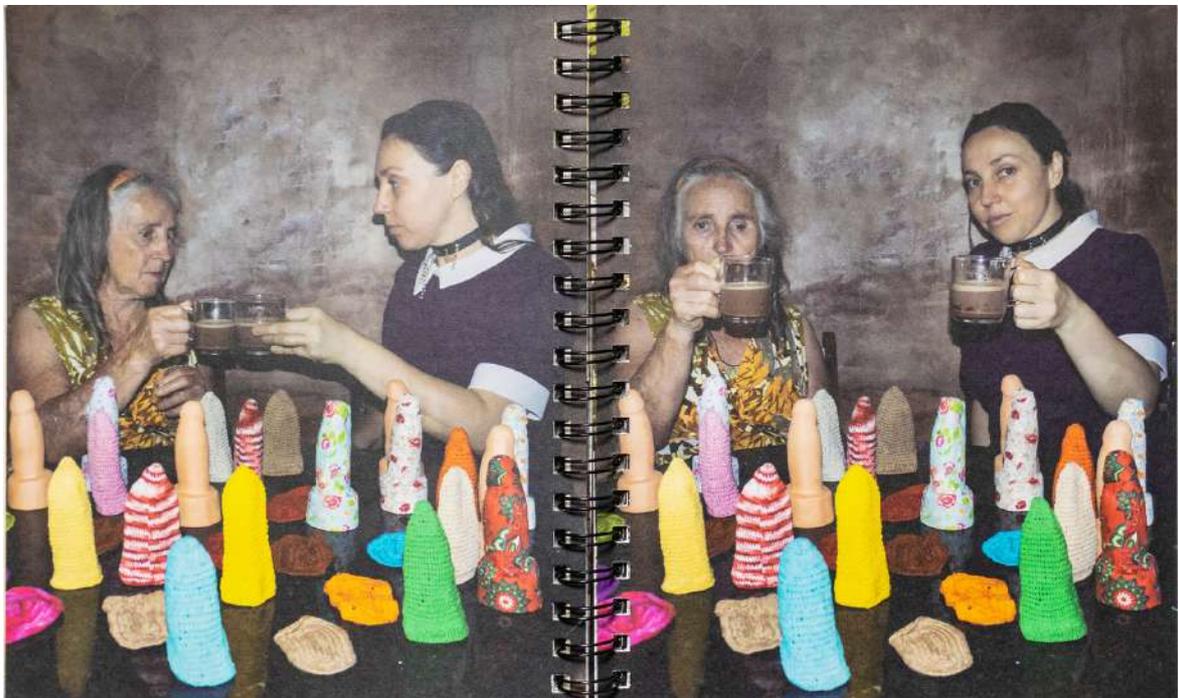
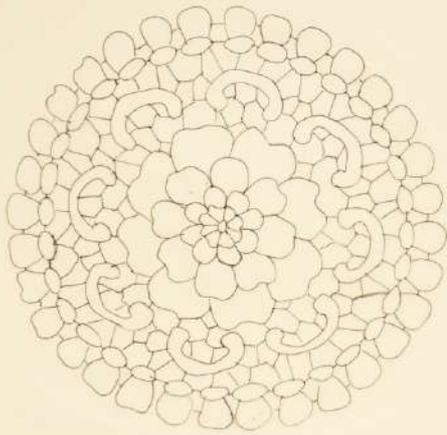
Coloque as 2 gemas e o açúcar em uma xícara bata até que fique cremoso e emborrachado.

Adicione o chocolate e a canela. Continue batendo até ficar bem gelado.

Adicione o leite quente aos poucos e continue mexendo até dissolver totalmente a mistura.

Beba ainda quente.





Unquinto para uva

Ingredientes

1 litro de leite (fresco e semidesnatado)
1 colher de chá de fermento biológico
1 colher de chá de sal mineral

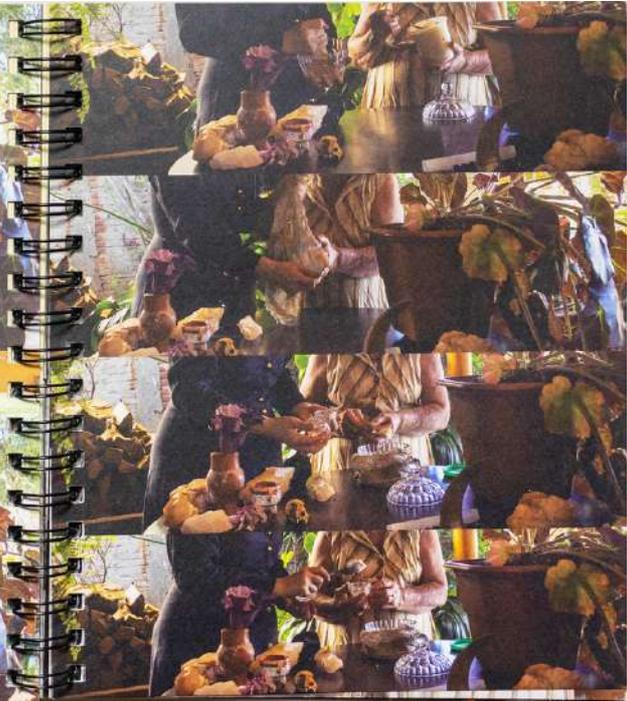
Modo de fazer

Secar as flores e triturar junto com os salmões.
Misturar o pó em farinha de trigo e adicionar o leite mineral.

Colocar em forro branco (fresco) por 2 a 4h, mexendo a mistura regularmente.

Filtrar, deixar em um frasco esterilizado e deixar descansar no escuro por no mínimo uma semana.

Se usar outra gordura (animal ou vegetal) pode-se acrescentar óleo de abacaxi para dar consistência de fermento.



Testículos

Ingredientes

6 Testículos
3 dentes de alho
1 Col. de Sal
1 Col. de papa de vinagre branco
300 ml de Vinho branco seco

Modo de Preparo

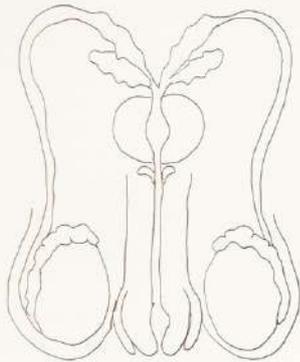
Arrosque 6 Testículos e corte em pedacinhos

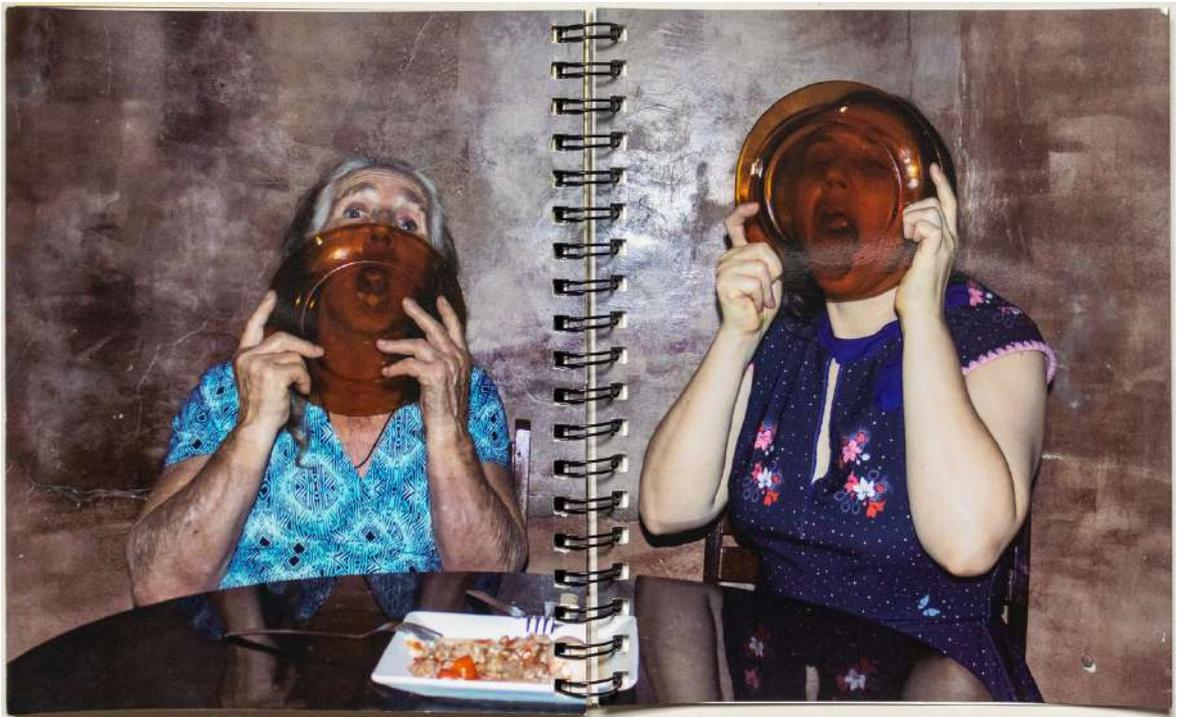
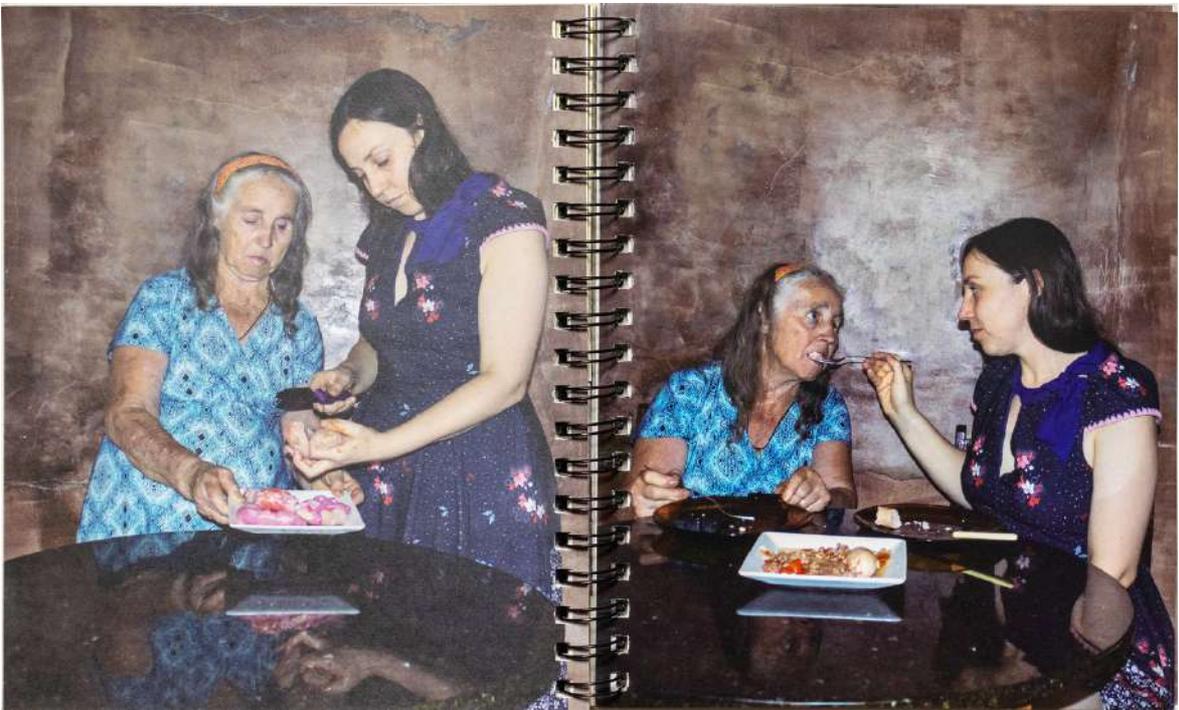
Coloque os pedacos de Testículos em uma panela/figada e tempere com Sal e os dentes de alho

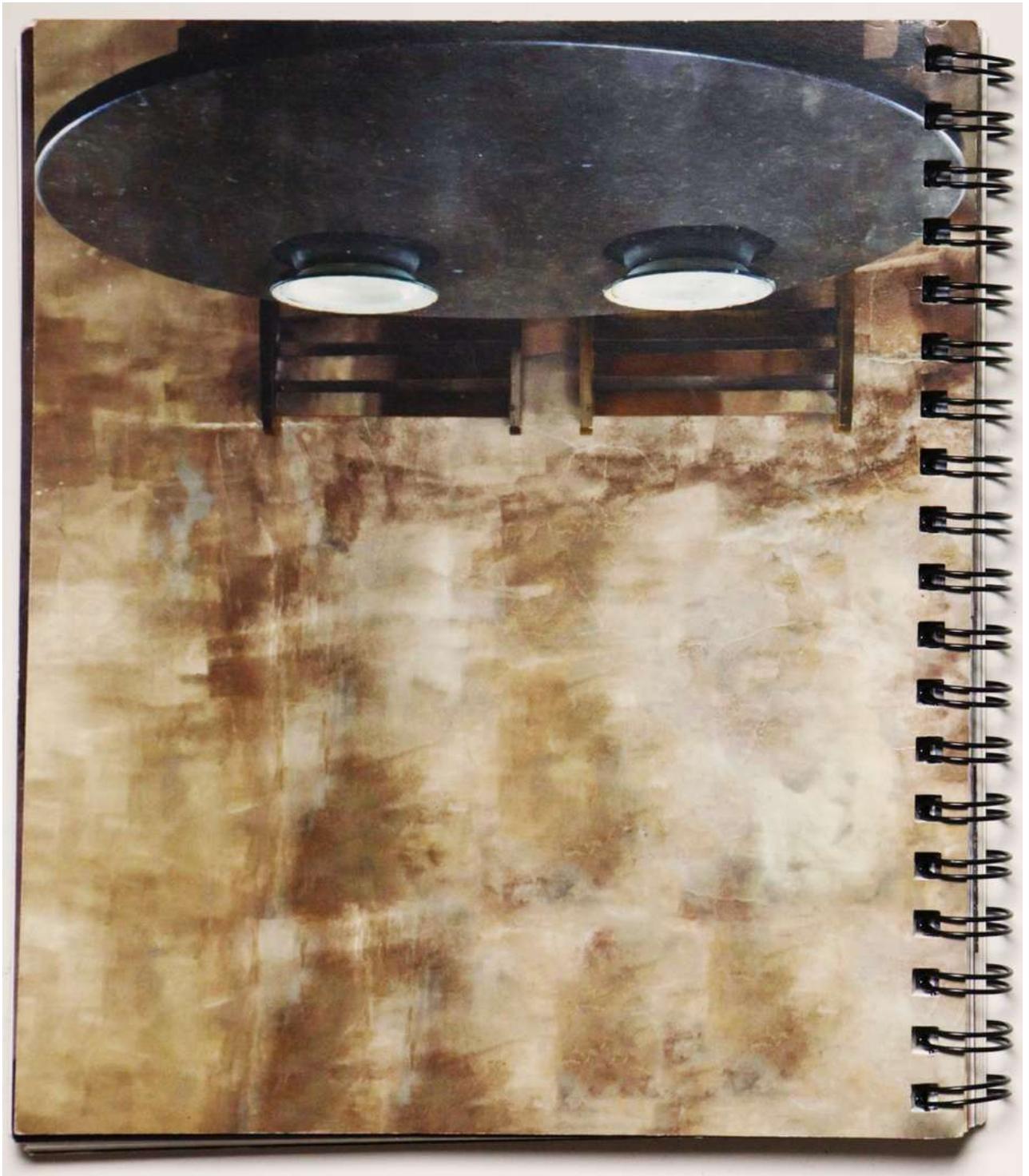
Deixe de molho por 24h.

Arrosque o Vinagre e o Vinho e deixe de molho por mais uma semana

Após esse processo, os Testículos estarão prontos para serem preparados da forma como voce preferir.







REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Lisboa: Antígona, 1988.
- CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Trad. e apresentação de Mauro Gama. RJ: Editor Guanabara, 1989.
- CAMUS, Albert. **A desmedida na medida**. RJ: Editor Guanabara, 1971.
- Casanave, C. M. I. de L. (2008). As tramas de mnemosine: A memória nos primórdios da teoria freudiana. Tese de Doutorado: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, Campinas, SP: [s. n.].
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 2009c. v. 3.
- FREUD, Sigmund. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas. O estranho**. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1976.
- GIUNTA, Andrea; FAJARDO-HILL, Cecília. **Mulheres Radicais: arte latino-americana, 1965–1980**. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018.
- HOOKS, bell. **O amor como prática da liberdade**. Original. Love as the practice of freedom. In: *Outlaw Culture. Resisting Representations*. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 243–250. Tradução para uso didático por Wanderson Flor do Nascimento — Janeiro de 2019. Disponível em: <https://medium.com/enugbarijo/o-amor-como-a-pr%C3%A1tica-da-liberdadebell-hooks-bb424f878f8c> Acesso em: 12/06/2023.
- JUNG, C. G. **Obra completa de C. G. Jung volume 8 parte 3: sincronicidade: a dinâmica do inconsciente**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014
- KAFKA, Franz. **A metamorfose**. S.A: Lord Cochrane, 1988.
- KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2020.
- KUHNEN, Tânia Aparecida. **Ética do cuidado: diálogos necessários para a igualdade de gênero**. Ed01. Editora: Edufsc. SC. 2021.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 7: A ética da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1991
- LORDE, Audre. **Os usos do erótico: o erótico como poder**. Original. Use of the Erotic: The Erotic as Power, in: LORDE, Audre. *Sister outsider: essays and speeches*. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. P. 53–59. Tradução feita por Tatiana Nascimento dos Santos — Dezembro de 2009. Disponível em: <https://peita.me/blogs/news/os-usos-do-erotico-o-erotico-como-poder-poraudre-lorde> Acesso em 12/06/2023.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pro-Posições, v. 19, n. 2, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acesso em: 12/06/2023.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Vontade de Potência**. RJ: Vozes, 2011.
- RICOEUR, Paul. **O Si Mesmo como um Outro**. São Paulo: Papirus, 1991.
- ROLNIK, S. **Esferas da insurreição: Notas para uma vida não cafetinada**. SP, n-1 edições, 2019.

SANTANA, T; ZAPPAROLI, A. **Conceição Evaristo — “A Escrivência serve também para as pessoas pensarem”**. 09/11/2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em: 12/06/2023.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004.